



Sociedade das Ciências Antigas

A Obra de Jean
Baptiste
Willermoz

Jean-François Var



Sociedade das Ciências Antigas

**A OBRA DE
JEAN BAPTISTE WILLERMOZ**

POR

JEAN-FRANÇOIS VAR



TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS

" L' OEUVRE DE JEAN -BAPTISTE WILLERMOZ"

INTRODUÇÃO

Consagrada em 1980, a respeitável Loja “Geoffroi de Saint Omer nº 18”, no Oriente de Bruxelas, sob a Obediência da Grande Loja Regular da Bélgica, é a Loja belga mais antiga que pratica o Rito Escocês Retificado.

Este destaque como pioneira lhe impõe certas responsabilidades, tanto pela influência deste Rito na Bélgica como no âmbito da divulgação de informações.

O presente estudo surge em um momento propício, pois apresenta um prólogo de Guy Verval, antigo Venerável Mestre da Loja e autor de livros de excelente reputação, e contém um trabalho memorável do Irmão Jean-François Var, membro eminente da Loja de estudos e investigação Villard de Honnecourt da Grande Loja Nacional Francesa e de nossa respeitável Loja, sendo igualmente reconhecido por seus numerosos escritos, artigos, ensaios e conferências. Este trabalho é dedicado a Jean Baptiste Willermoz, o fundador do Rito.

Acrescentamos a reprodução do artigo assinado por Maharba, intitulado “Sobre o R.E.R e os Grandes Professos” publicado em outubro de 1969 no número nº 391 de da revista bimestral “O Simbolismo”, fundada por Oswald Wirth.

Assim, o conteúdo deste trabalho constituirá uma ferramenta indispensável para todos os maçons, praticantes ou não, do Rito Escocês Retificado (R. E. R.) que desejarem estudar sua história e seu profundo significado.

Desejo expressar desde já meus agradecimentos a todos os Irmãos que envidaram seu tempo e seus esforços para que esta realização pudesse ser concretizada.

Oriente de Bruxelas, Novembro de 1992.

Pierre C. Gilles

V.: M.: da R.: L.: Geoffroi de Saint Omer

SOBRE ALGUMAS REFLEXÕES MERECEDORAS DE UM ENSAIO MEMORÁVEL

POR

GUY VERVAL

Quão surpreendente foi o destino de Jean Baptiste Willermoz! Nada do que ocorreu no decurso de sua vida poderia sugerir o que logo viria a ser sua reputação póstuma. Nem sua origem familiar, tampouco sua educação permitiriam prever que seu nome, sua obra e seus escritos tornar-se-iam, dois séculos mais tarde, tão conhecidos por um expressivo número de pessoas.

Dos produtores de seda Lyoneses do século XVIII podemos destacar dois nomes que permaneceriam na memória dos homens por razões bem distintas: Joseph-Marie Jacquard (1752-1834) e Jean Baptiste Willermoz (1730-1824), seu contemporâneo. Este último não é lembrado por seu ofício de tecelão, mas sim por seu trabalho na Maçonaria Mística e no campo da investigação espiritual.

Certamente foi por meio deste ofício de tecelão que ganhou o pão de cada dia, aplicando-se com a mesma seriedade com que empreendia suas investigações metafísicas. Esta dedicação à profissão era, entretanto, apenas no sentido de prover o necessário à sua sobrevivência, e nada mais.

A obra de Jean Baptiste Willermoz deveria ser totalmente conhecida, ser objeto das mais profundas reflexões e mesmo consistir no autêntico livro de cabeceira de todo maçom do Rito Retificado. Há uma tal quantidade de documentos, de cartas, de manuscritos que iluminam o entendimento de sua Arte, o que não ocorre com muitos outros Ritos de origens obscuras e de autores anônimos. Ao legado que Willermoz nos deixa devemos acrescentar, para fazer justiça, o legado de um Turckheim ou de um Salzmann, o que nos permite conhecer a lenta gênese dos Rituais Retificados, suas intenções doutrinárias e, definitivamente, seus objetivos finais. É inútil, porém, querer atribuir o status de qual o melhor sobre os “Símbolos”; é suficiente apenas ler e compreendê-los.

Entretanto, tais documentos jamais foram reunidos, o que é lamentável. Foram publicados, porém dispersos em obras de interesses diversos ou mesmo em revistas confidenciais, sendo que muitos deles ainda jazem esquecidos em remotas bibliotecas. Esta dispersão é suficiente para desanimar o buscador de coração puro que não dispõe nem do tempo, nem, sobretudo da paciência de reunir e mergulhar neste montante de documentos, extremamente profundo em seu conteúdo, desconcertante, porém, por sua própria riqueza.

Dentro deste contexto, podemos dizer que o presente ensaio de Jean-François Var nos chega em um momento extremamente oportuno. É um desafio apresentar, em tão poucas páginas, uma exposição clara, brilhante e incisiva sobre o homem e sua obra. Nosso comentarista a divide em três períodos. No primeiro revive a aprendizagem da Maçonaria, que se pode, por questões de simplicidade, denominar por estilo francês; no segundo, revive o encontro de capital importância com a Teosofia de Martinez de Pasqually; por fim, no terceiro, discorre sobre a adaptação da contribuição cavaleiresca e templária da Estrita Observância Germânica. O resultado foi este admirável Rito Escocês Retificado, que inclui o que de melhor existe nos três componentes mencionados. Com isso, era de se esperar que a obra de Willermoz desconcertasse os maçons de seu tempo, demasiadamente ocupados com uma convivência de lirismo fraternal, o que impediu assim a compreensão de sua mensagem em profundidade. Foi somente através dos ensinamentos de René Guénon que a mensagem de Willermoz pode ser percebida e julgada em seu verdadeiro valor, o que então acarretou no ressurgimento do Rito no século XX.

Resta-nos ainda considerar a contribuição de Willermoz à Franco-Maçonaria de hoje. O que permaneceu de sua obra por entre nossos contemporâneos e nas estruturas da Ordem Maçônica?

Como justamente descreve Jean-François Var, Willermoz elaborou seu sistema baseado em três círculos concêntricos, em cujo centro se encontra a “Ordem dos Cavaleiros Maçons Eleitos Cohen do Universo”, de Martinez de Pasqually.

A “primeira” e a “segunda” “classe”, tão bem descritas no preâmbulo de Wilhelmsbad (1782) existiram sempre, ainda que articuladas de um outro modo não previsto nos dois “Códigos” adotados na Convenção de 1778. Ainda hoje se faz necessário avaliar mais detidamente esta questão.

Em relação a nós, encontramos em nosso país dois organismos principais que reivindicam a herança de Willermoz. O primeiro se considera sendo o herdeiro zeloso das Convenções de Lyon e de Wilhelmsbad. Os quatro graus “simbólicos” são conferidos nas lojas escocesas filiadas a uma Grande Loja Escocesa Retificada para a Bélgica. Esta é certamente administrada pelos delegados das lojas, sobretudo por três Irmãos revestidos do grau “mais elevado no regime”. Aos representantes da segunda classe se atribui o poder de decisão final (Art. 3 e 4 das Constituições e

Regulamentos da Grande Loja Escocesa Retificada para a Bélgica adotados em 14 de Julho de 1985). A segunda classe é regida pelo Grande Priorado da Lotaríngia, saído da Província de Brabantia, constituída em Bruxelas em 1968 pelo Grande Priorado da França.

Esta estrutura reproduz o “Regime” previsto pelos dois códigos já citados. “Em toda a Ordem Retificada a autoridade pertence ao escalão imediatamente superior, e é assim desde as lojas de Aprendiz e Companheiro até o mais alto nível da Ordem Interior” (René Bol, 1982). Um antigo grão Prior podia proferir as seguintes palavras sem nenhum temor de equivocar-se: “há, pois, estruturas e regras que são próprias do R.E.R., que fazem dele do princípio ao fim, e de acima a abaixo, um conjunto integrado, homogêneo e coerente” (J.L.S., 1982-1983).

Sem desejar confrontar estes excelentes Irmãos em relação ao significado que dão não às estruturas formais, mas ao conteúdo doutrinal do Sistema¹, reconhecemos que eles têm razão ao afirmar a coerência do Rito, porém seu respeito literal pelas prescrições administrativas do século XVIII não faz mais que colocá-los em um beco sem saída. Qual o propósito, pois, de pretender ser “o representante e o arauto qualificado da mais pura Regularidade Escocesa” (declaração de princípios da Grande Loja Escocesa Retificada para a Bélgica), já que esta afirmação poderia excluir seus autores da Regularidade Maçônica tal como é conhecida na atualidade? E por qual acaso haveria Willermoz de aceitar que se lhe fechassem as portas da Maçonaria universal? Isto quando é menos duvidoso. Por outro lado, é por um simples acaso o fato de todos estes “tradicionalistas” terem sido elevados no seio de lojas irregulares do Grande Oriente da Bélgica, já que para eles a universalidade maçônica não é mais do que um conceito desprovido de sentido?

Ao contrário da primeira, a segunda família de Maçons Retificados deseja unir a integralidade da mensagem de Willermoz com as exigências da Regularidade, a única via de acordo com a universalidade da Maçonaria. Ela deixa a direção das Lojas à Grande Loja Regular da Bélgica, Obediência protetora de todos os Ritos, de modo que estes sejam praticados em sua mais pura autenticidade. O grau de “Mestre Escocês de Santo André” é conferido nas Lojas ditas de Santo André (o que Willermoz não havia previsto), que são regidas por um Diretório Escocês que nada mais é, sob o ponto de vista simbólico, que o Grande Capítulo da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores Cidade Santa (CBCS) reagrupados no Grande Priorado da Bélgica², obediência soberana, independente da Grande Loja Regular da Bélgica, sendo, porém, reconhecido por ela. Esta adaptação harmoniosa permitiu a abertura, tanto aos Grandes Priorados anglo-saxões dos “Cavaleiros Templários” como aos Altos Graus do Rito Sueco praticado pelas Grandes Lojas Escandinavas. Pode ser que se trate de uma inovação. Podemos constatar, porém, que tem o mérito de manter a vocação cristã, aberta, tolerante e não-confessional da Ordem, vocação esta que, quando menos, permanece oculta para os auto-intitulados “tradicionalistas”, já anteriormente citados.

Não obstante, se estas duas “famílias” são antinômicas na prática, compartilham uma origem comum. O Grande Priorado da Lotaríngia é uma emanção do Grande Priorado da França, criado em 1962 a partir de uma cisão do Grande Priorado da Gália. Este último, fundado em 1935 graças a uma patente concedida pelo Grande Priorado Independente da Helvetia, foi base para a fundação,

¹ É importante frisar que a “Declaração de Princípios” da Grande Loja Retificada para a Bélgica abandona o Cristianismo de Willermoz em nome do Esoterismo. “Cada Franco-maçom Escocês Retificado tem total liberdade de consciência tanto em matéria religiosa quanto a qualquer outro ponto de vista”. O antigo Grão Prior J. L. S. acrescenta que a afirmação “a Ordem é cristã”, do Ritual do 4º grau, tem um sentido “esotérico” e “que não pode ser interpretada a não ser simbolicamente” (1982-1983, pág. 25). Reconhece-se aqui a fácil utilização da palavra “Símbolo”, que permite descobrir toda realidade por ela encoberta.

² O Grande Priorado Independente da Helvetia, o Grande Priorado da Gália, e o Grande Priorado da Bélgica se reconhecem mutuamente, à exceção de qualquer outro organismo retificado. Recrutam seus membros das Grandes Lojas Azuis, regulares e reconhecidas, neste caso, pela Grande Loja Alpina, Grande Loja Nacional Francesa, Grande Loja Regular da Bélgica e por Obediências amigas.

em 1986, do Grande Priorado da Bélgica, sendo este também um beneficiário de uma patente concedida pelo G.P.I.H..

O G.P.I.H., gerador comum dos Grandes Priorados existentes, foi fundado em 1779 pelo Capítulo de Borgonha, Vª Província da Ordem. Sua regularidade original é incontestável, assim como seus rituais não são exatamente os de Willermoz. Por outro lado, ao menos sob o ponto de vista administrativo, renunciou ao controle dos Graus Azuis desde 1844, tendo-os legado à supervisão da Grande Loja Nacional Alpina, e conservou somente os graus de Mestre Escocês de Santo André, de Escudeiro Noviço e de Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa, disposição esta que prefigura as exigências atuais.

Reconheçamos que esta filiação, por regular que seja não é a única. O Rito Escocês Retificado é também praticado na França por Lojas do Grande Oriente que nada devem à Helvetia. Tal fato, pouco conhecido, merece uma atenção toda especial. Inúmeros autores têm repetido que o capítulo provincial de Besansón, herdeiro da província de Borgonha, encerra seus trabalhos em 1828 e “confere ao Grande Priorado da Helvetia todos os seus poderes, entregando-lhe ao mesmo tempo todos os seus arquivos” (Montchal, citado por L. Charrière, 1938; pág. 14). Em 1928 o Irmão Savoie, Grão Comendador do Grande Colégio dos Ritos do Grande Oriente da França, antes de se tornar o primeiro Grão Prior do Grande Priorado da Gália, precisava: “De fato, o Regime Escocês Retificado encerrou suas atividades na França em 1830 (?), quando a última Província cedeu seus direitos ao Grande Priorado da Helvetia”. Estas afirmações, ao que parece, não se baseiam em nenhuma prova documental. Ao contrário, no ano de 1840, em Besansón, uma reunião do Comitê de Administração Provincial, formado pelo Capítulo de Borgonha, decidiu “que se retomariam os trabalhos da Loja “Sinceridade e Perfeita União” como símbolo de reativação do Regime Retificado sob o Diretório que governava a segunda Província” (Charrier, 1938; pág. 59). No mesmo ano, tal Comitê reuniu 5 Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa e instalou um Grande Capítulo, elegendo como seu chefe o Irmão Ledoux, Grão-Mestre da Ordem (Ibid.). Os arquivos do antigo Diretório de Borgonha seriam pouco depois confiados à Loja de Besansón “La Constante Amitié”, inscrita na matrícula do Grande Oriente da França, onde tem estado sempre.

Em todo caso, o Grande Priorado Independente da Helvetia em nada interveio na operação e, em 1852, o Irmão Galiffe, membro da Loja retificada de Genebra “L’Union dês Coeurs”, podia escrever que “os trabalhos (da Ordem Retificada) jamais foram encerrados na liderança do Departamento da Província de Borgonha (Besansón)” (“La Chaîne d’Union”, 1852, pág. 457).

Melhor dizendo, o que faz o R.E.R. no seio do Grande Oriente da França? Alguns se surpreenderão com a resposta. É preciso recordar, entretanto, que um Tratado foi firmado no dia 31 de Maio de 1776 entre o Grande Oriente da França e os Diretores Escoceses, tratado este que foi modificado no dia 14 de Junho de 1811. O primeiro foi assinado por Bacon de la Chevalerie, pelo Conde de Strogonoff e pelo Marques de Choiselier du Mesnil, representando, respectivamente, os Diretórios de Bordeaux, Lyon e Estrasburgo.

A revisão de 1811 foi realizada por Roettiers de Montaleau, Depassy, de Soly, Moreau de Saint-Serez, Geneure, d’Aigrefeuille, Lizard, Bacon de Chevalerie³ e Ch. Hariel.

O Tratado de 1776 previa a reunião dos Diretórios no Grande Oriente da França. Os Diretórios se comprometiam a comunicar ao Grande Oriente a lista de seus membros (art. 5). O Grande Oriente e os Diretórios encarregar-se-iam da administração e da disciplina sobre as lojas de seu Rito (art. 6). Estes estariam representados no Grande Oriente por um ou vários representantes (art. 7). O direito

³ Bacon de la Chevalerie (1731-1821), Rosa Cruz da Ordem dos Elu Cohen, foi eleito em 1766 como substituto geral de Martinez de Pasqually. “Eques ab apro” na Estrita Observância Templária e os Diretórios Escoceses foi Grão-Orador do Grande Oriente entre 1773 e 1781. Ele tinha, pois, na assinatura dos tratados, um “pé” em cada lado.

de visita (art. 10) e a dupla pertinência às Lojas do Rito Francês e às do Retificado estava garantido (art. 9). A revisão de 1811 assegura a cada Diretório (com sedes em Lyon, Montpellier e Besansón) um representante no Grande Oriente e no Grande Diretório de Ritos (art. 3). Estas deviam formar uma seção que teria como objeto o Regime Retificado (art. 4). Definitivamente, o R.E.R. se convertia em parte integrante do Grande Oriente e concorria também a “formar no Grande Oriente a reunião geral dos Ritos” (L. Charrière 1938, págs. 95-96 e 97).

Assim, pois, e por direito, o Grande Oriente da França é o possuidor legítimo do R.E.R., nem mais nem menos que o Grande Priorado Independente da Helvetia.

Duas filiações são oferecidas a quem queira praticar este Rito: a primeira, por meio do G.P.I.H., conduz ao Diretório de Borgonha, e a outra, no seio do Grande Oriente da França, substituída pelo acordo de 1776. (Evidentemente, resta verificar se o G.O.F. ainda poderia ser qualificado como maçônico após 1877, mas esta é outra história).

A TERCEIRA CLASSE

Muito tem sido escrito a respeito desta Classe.

Os “Grandes Professos” era “secreta” por definição. Willermoz, em seu “Preâmbulo” a Wilhelmsbad, dela fala somente sob uma forma obscura (o que não o impediu de receber, nos bastidores, as destacadas adesões de Charles de Hesse e do Duque Ferdinando de Brunswick, Grão-Mestre Geral da Ordem). A instrução aos C.B.C.S., datada de 1874, faz-lhe somente uma rápida alusão (não desesperéis meu bem amado irmão, se seguires fielmente o caminho que acabamos de traçar, pois poderás encontrar algum dia aqueles Mestres, aos quais é inútil buscar se for empregada alguma via duvidosa. Eles vão à frente daqueles que os buscam com um desejo puro e verdadeiro”). Em 1872, “a lista geral dos Irmãos Grandes Professos” contava com 59 nomes reagrupados nos colégios de Lyon, Estrasburgo, Turim, Chambery, Grenoble, Montpellier e Nápoles (Steel-Maret, 1893, págs. 16-20). A Revolução causou-lhe muitos transtornos e, ao final de sua longa vida, Willermoz não contava com mais do que dois fiéis: seu sobrinho Jean Baptiste e Joseph-Antoine Pont. Mesmo assim, o Grande Professo ainda sobreviveu durante algum tempo na Alemanha graças ao Príncipe Christian de Hesse, mas sob uma forma extra-maçônica (cf. J.Fabry, 1984).

Com a morte de Willermoz, J. A. Pont tornou-se herdeiro de seus arquivos, tendo renunciado, entretanto, a qualquer função até o ano de 1832, segundo afirma “Le Forestier” (pág. 935). Este autor relata o fato de J. A. Pont não ter aceitado confiar tais arquivos à “L’Union dès Cohen”, de Genebra, entre os anos de 1829 e 1832.

O Grande Professo estaria extinto durante esta época? Este seria o pensamento geralmente aceito caso não fosse o aparecimento de um artigo que produziu uma grande agitação. Tal artigo, escrito por um autor que assinava Maharba, foi publicado na revista “Le Symbolisme” no ano de 1969, onde afirmava que Joseph-Antoine Pont, no dia 29 de maio de 1830, havia concedido uma carta para a constituição do Colégio e Capítulo provincial dos Grandes Professos em Genebra. Segundo ele, o Grande Arquiteto do Universo jamais havia permitido que sua ação se interrompesse. Existiria, pois, um Colégio Metropolitano em Genebra para amparar o Grande Priorado Independente da Helvetia, mesmo apesar da afirmação do Ritual dos C.B.C.S. corrigido por esta Obediência: “Não há nada mais além na Ordem na qual acabara de ingressar”.

As suposições e conjecturas foram aumentando. Quem era este misterioso Maharba e de onde extraía o poder de suas afirmações? Na atualidade, sabemos que sob este pseudônimo se ocultava Jean Saunier, um destes maçons apaixonados com o dom de guardar a Maçonaria francesa em segredo. Falecido em 1992, deixou um dos livros mais inteligentes já escritos sobre a Ordem (“Les

Franc-Masons”, 1972). Assim descreve o Grande Professo: “Caracteriza-se por uma grande renúncia: nenhuma pompa, nenhuma decoração, nada de espetacular, como se fosse destinada àquele que tivesse percorrido toda uma hierarquia de complexos graus, algumas vezes até plenos de “brilhantismo cavalheiresco”, e do despojar-se dos sonhos e ilusões. Não se sabia qual seria a melhor maneira de sugerir o quão vãs eram as formas exteriores para aqueles que se aproximam da iniciação verdadeira ou, em outras palavras, a necessidade de superar as formas” (pág. 239).

Não importa se Saunier fora recebido como Grande Professo em 1968, em Genebra ou em outra parte qualquer; não importa se a filiação tenha sido interrompida ou não depois de J.A. Pont. O essencial repousa em outro ponto: o “Segredo” do Professo e do Grande Professo é, atualmente, um segredo... público! Seus documentos, rituais e, sobretudo, as instruções fazem parte hoje do domínio público. Conservadas em Lyon, Haia e Copenhague, entre outras localidades, estão acessíveis a todos. Mais ainda, foram publicadas! Paul Vuillaud publicou as “Instruções aos Professos” em sua obra “Joseph de Maistre, Franc-Maçom” de 1926, págs. 231-247; Antoine Faivre publicou a dos Grandes Professos como apêndice à monumental obra “Franc-Maçonnerie Templière et Occultiste aux XVIIIe et XIXe Siècles” de René Le Forestier, 1970 (págs. 1023-1049).

Tais instruções, especialmente a segunda, são uma exposição bem completa e, sobretudo compreensível da doutrina de Martinez de Pasqually, arranjadas de modo a poder conciliá-las com as concepções católicas muito ortodoxas de Willermoz. Sua leitura é indispensável para uma melhor compreensão dos graus simbólicos do Rito, mais particularmente do quarto.

E isto não seria suficiente para salientar que, longe de serem secretas, tais “Instruções” não deveriam ser comunicadas a todo Maçom Retificado?

Por que manter, diante deste fato, uma ficção que só serve para atrair a cobiça, exaltar a vaidade dos “Eleitos” e suscitar a amargura dos demais? Ademais, se este grau “despojado”, segundo as palavras de Jean Saunier, tinha algum valor ritualístico, nada era em si mesmo.

O “Cerimonial das assembléias da Ordem dos Grandes Professos”, conservado no fundo Kloss⁴ em Haia, confirma plenamente as afirmações de Maharba. Resume-se a preces de abertura e fechamento, muito próximas às preces retificadas do primeiro grau (sem a mesma ênfase cristã que caracteriza a do C.B.C.S., e contendo também as variantes previstas para os dias de recepção), uma fórmula de compromisso, um sinal e algumas palavras distintas para os dois graus⁵. Os “Estatutos e Regulamentos da Ordem dos Grandes Professos” (mesma fonte) nos introduzem no círculo íntimo, ensinando-nos que as assembléias estavam consagradas, além das recepções, às “leituras,

⁴ O Dr. Georg Bukhart Franz Kloss (1788-1854) foi recebido como Grande Professo em Darmstadt no dia 17 de Novembro de 1827. Fez parte deste Colégio Alemão presidido pelo landgrave Christian de Hesse-Darmstadt, colégio este que somente a duras penas poderia ser considerado como maçônico, conforme a avaliação de Jacques Fabry (1984). Depois de sua morte, o Colégio entrou em plena decadência, sendo que haviam restado somente dois Grandes Professos em Frankfurt e somente um em Darmstadt, isso segundo a declaração de G. Kloss no ano de 1849 (Le Forestier, pág. 925). Sua rica biblioteca está conservada em Haia, no Grande Oriente dos Países Baixos. Contém sete manuscritos, em Francês e em Alemão, dedicados aos Professos e aos “*Trabalhos dos Grandes Professos*”, em Frankfurt de 1828 a 1835.

⁵ Estariam completos estes documentos? Fala-se muito acerca da recepção do Grande Professo, de uma unção tal como é praticada no grau anglo-americano do “Holy Royal Arch Knight Templar Priest”. Nada impede, seguramente, que Kloss tenha consultado, ou simplesmente não tenha conhecido, um rito de inspiração sacerdotal. Pelo contrário, se ainda for praticado, haveria a necessidade de demonstrar que não fora inventado *a posteriori*. Além disso, ser um Grande Professo não pressupõe estar imune ao erro. Em seu artigo “Simbolismo”, Saunier diz que o Grande Professo “deixou de existir oficialmente na convenção de Wilhelmsbad”; ademais, não se fala a seu respeito publicamente, já que Willermoz decidiu deixá-la em “segredo”. Em Les “*Franc-Maçons*”, adianta que a liberação dos compromissos praticada no grau de C.B.C.S. corresponde à anúncia da renúncia do Grande Professo. Ademais, a liberação dos compromissos é uma invenção helvética do último século, que Willermoz nunca conheceu e que possivelmente lhe surpreenderia sobremaneira.

conferências e instruções” (art. 32). Discutiam-se as matérias das conferências “sem nenhuma cerimônia, sem que se pudesse fazer alguma distinção de nível entre os irmãos” (art. 737).

Tratava-se, em suma, de um círculo de estudos, similar aos que atualmente são organizados nas lojas, sejam elas retificadas ou não. Ninguém pode negar que tal estrutura seja ainda mais necessária na atualidade para que os maçons, iniciados segundo as formas do Rito Retificado, conheçam e compreendam aquilo que constitui o âmago de seu Rito. Tais estruturas são reveladas pelas Instruções aos Professos e Grandes Professos. Não esqueçamos que a estrutura dos graus retificados é dupla: iniciática (o ritual de recepção) e pedagógica (as Instruções). Aplicar na execução dos rituais a precisão e o cuidado que nossos Irmãos Britânicos dedicam aos seus é, de fato, muito correto. Limitar-se a esta exigência com o entusiasmo e a intolerância de numerosos convertidos (temos exemplos cotidianos em algumas de nossas lojas) não seria somente um erro, mas também uma falta. Para que então limpar a fachada do edifício se o tesouro que este guarda está descuidado ou ignorado?

O estudo destas instruções secretas, completado pela leitura dos graus Cohen, de seus catecismos, do “Tratado da Reintegração dos Seres Criados” de Martinez de Pasqually, e das obras de Louis Claude de Saint-Martin é indispensável para o maçom retificado, caso este queira merecer plenamente este título. Resta ainda saber se é necessário reservar este estudo somente aos membros escolhidos da Ordem Interior, como queria Willermoz, ou então, ao contrário, abri-lo a todos, se não desde o momento de sua iniciação, ao menos a partir do grau de Mestre Escocês.

A resposta a esta pergunta não é simples. Os documentos “secretos” do século XVIII são de domínio público na atualidade, e qualquer um pode ter acesso aos mesmos. Como, pois, proibir-lhes seu acesso? Seria preciso consolar-se recordando que os textos se defendem por si mesmos, o que, por outro lado, estaria certo?

O problema não é novo. Cada um sabe que a Ordem Interior Cavalheiresca comparece na pedagogia retificada como um parêntesis. A instrução específica, bem avançada no quarto grau, parece se interromper nos graus quinto e sexto, para então não mais ser retomada até a classe “secreta”. Neste caso, para quê conservar esta Ordem Cavalheiresca com sua pompa e decoração? Não seria supérfluo e destinado somente a exaltar a vaidade dos cavaleiros, revestidos de forma altiva e com um manto branco? A questão já foi exposta por Saltzmann e Bernard de Turckheim, que desejavam a supressão da Ordem Interior, de inspiração demasiadamente católica para o gosto dos luteranos de Estrasburgo.

Willermoz lhes responde sem rodeios em carta endereçada a Turckheim, datada de 3 de Fevereiro de 1783:

“Vós propondes, como fizera em sua época o Irmão ab Hedera, que não haja futuramente mais do que os três graus simbólicos, suprimindo assim o escocismo e os dois graus da Ordem Interior; ademais, que a classe dos Grandes Professos faça o 4º, que estaria aberto e, de algum modo, prometido a todos, posto que receber maçons nos símbolos, sem assegurar-lhes uma possível evolução, seria como estar fazendo uma brincadeira com eles. Porém, não havendo nenhum intermediário entre os graus azuis e o Grande Professo, resultará que todos, exceto aqueles que decididamente mereceriam serem expulsos, teriam direito aos Grandes Professos, e, no sentido de não admitir ninguém que fosse indigno, ter-se-ia de usar maior severidade na escolha do Primeiro Grau⁶. Este projeto seria simples e atrativo, mas, meu querido amigo, não conheceis suficientemente

⁶ É um grau como nível iniciático e não como o de um escalão militar no sentido que esta palavra tem em inglês, a qual se refere Willermoz. Em ocasiões anteriores me fora reprovado empregar a palavra grau, usual em francês, mas de inspiração inglesa, sem esta consideração para designar os graus do Rito Retificado. Acaso estava eu tão distante da tradição?

bem os homens e o espírito de uma sociedade republicana para ver que é impraticável, independentemente do perigo habitual que representa...? Se do Terceiro grau simbólico se saltasse diretamente à classe de Professo, sem nenhum grau intermediário, isto não se operaria sem preparar o candidato demasiado abertamente neste Terceiro grau, e tal preparação não poderia se efetivar sem mesclá-lo às formas ou instruções religiosas, isso em maior ou menor grau; ademais, no momento em que fosse mesclada a Religião à Maçonaria na Ordem Simbólica veríamos operar sua ruína... para tornar preferível nosso regime desvelaremos seus princípios e objetivo particular, nossos discursos oratórios converter-se-ão em sermões, e nossas Lojas, em igrejas ou em assembléias de piedade religiosa; sobre todo o edifício do Regime não nomearemos a classe secreta, mas praticamente a desvelaremos e, quando for conhecido qual é seu objetivo, nos converteremos em suspeitos e seremos expostos a perseguições... segundo meu conceito, caro amigo, a Maçonaria Simbólica não deve ser mais que uma escola de moral e de beneficência, mas sem nela introduzir nenhuma mescla ou propósito religioso, a não ser os princípios gerais que toda sociedade Cristã deve professar. Parece-me indispensável que haja entre esta classe e a seguinte, ou seja, religioso-científica, uma classe intermediária que apresente alguns desenvolvimentos dos símbolos, velando a última para preparar a seguinte. Nesta segunda classe será exigida a prática exata do que foi ensinado na primeira, e a fidelidade nesta prática abrirá a porta da terceira. Por isto, esta segunda tornar-se-á útil à humanidade e lhe entregará seus melhores membros; este será o objetivo e termo final da Ordem, sem que se faça menção do objetivo secreto que não mais existe após a abolição do antigo sistema. Qual será a alma honesta que não se sentiria satisfeita ao encontrar como objetivo final um sistema moral e benfeitor posto em prática? Convenhamos que aquele que não se contentasse não mereceria ser recebido como aprendiz. Quanto aos que experimentarem esta dupla preparação, teórica e prática, mostrarão maiores aptidões e desejos da 3ª classe velada pela 2ª que será sua justa recompensa; mas a segunda deve ser, de todo modo, suficientemente interessante por si mesma, como que para satisfazer em seu sentido próprio àqueles que se sentiriam enfasiados na primeira e que não teriam a aptidão necessária para a 3ª...”

(em Renaissance Traditionnelle, 1978, 35: 179-181)

O projeto está claro. A primeira classe, teórica, ensina os rudimentos da doutrina por meio dos símbolos, ritos e instruções. Na segunda, a Ordem Interior, põe-se prática as virtudes morais e de beneficência. Esta exigência ética seguramente suplanta o marco das possessões, aplicando-se a todos os instantes da vida do cavaleiro maçom. É somente a aplicação prática desta exigência, juntamente com outras predisposições não definidas, que pode abrir as portas da terceira classe. A Ordem Interior é, antes de tudo, uma prova, destinada a seleção dos indivíduos dignos de ascender à última classe, consagrada ao estudo das matérias de cunho “religioso-científicas”. Destacamos o parágrafo no qual Willermoz condena aqueles que convertem as lojas em sucedâneas da igreja, mesclando indevidamente Religião e Maçonaria.

Pelo que parece, o assunto está claro. Uma classe organizada de Grandes Professos não pode ser concebida se não for escolhida no seio dos C.B.C.S. Porém, uma vez mais, seria somente isso que resta destas “Instruções”, cujo segredo se desvaneceu, tornando-se então algo público? Deixemo-las onde estão, acessíveis a quem as deseje, “abertas” a quem possa compreendê-las. O que poderia impedir que os Homens de Desejo, com ou sem “transmissão” se reúnam, na Paz daquele que está sempre entre eles, para meditar conjuntamente sobre os ensinamentos de nosso Rito? Destarte, não seria também esta a simplicidade tão quista por Willermoz⁷?

O artigo de Maharba, que é de difícil acesso se encontra reproduzido no final deste livro.

⁷ Um Grande Professo que elimina toda a aura de mistério; assim, sentir-se-iam atraídos nossos adornados dignitários? A simplicidade e o esforço necessário para chegar-se a elas seria compensador? Podemos certamente duvidar.

BIBLIOGRAFIA

- 1) BOL René
Les origines du R.E.R.
Le Lien Ecossais (1982-1983) 43-44:13-19.
- 2) CHARRIER Louis
Le Régime Ecossais Rectifié et le Grand Orient de France. Resumo histórico de 1776 a 1938. Paris, 1938.
- 3) "Constitution et règlements de la Grande Loge Ecossaise Rectifiée pour la Belgique", seguidos de sua "Declaração de Princípios", Bruxelas, 1985.
- 4) FABRY Jacques
J.F. Von Meyer et la Franc-Maçonnerie.
Trabalhos da Loja Nacional de Estudos Villard de Honnecourt. 8 (2ª serie): 131-143 (1984).
- 5) GALIFFE John Barthelemy
La Chaîne Symbolique
1852, Genebra - (Edition anastaltique Slatkine, 1987).
- 6) LE FORESTIER René
La Franc-Maçonnerie Templière et Occultiste aux XVIIIe et XIXe siècles.
Aubier-Montaigne, Paris et Nauwelaerts, Louvain.
Reedição de "La Table d'Emeraude".
- 7) MAHARBA
A propos du R.E.R. et de la Grande Profession
Le Symbolisme - 391. 63-67 (1969).
- 8) SAUNIER Jean
Les Francs-Maçons
Grasset, Paris (1972).
- 9) Spécificité du R.E.R. (La)
Diálogo entre o redator e J.L.S.
Le Lien Ecossais (1982-1983) 43-44: 20-29.
- 10) Estatutos, Cerimonial de abertura e fechamento das assembléias da Ordem dos Grandes Professos.
- 11) STEEL-MARET
Archives secrètes de la Franc-Maçonnerie
1893-1896, Lyon (Edition anastaltique Slatkine, Genebra, Paris, 1985).
- 12) VUILLAUD Paul
Joseph de Maistre, Franc-Maçon, suivi de Pièces inédites. 1926, Edition anastaltique Arché Edidit, 1990.
- 13) WILLERMOZ Jean Baptiste
Preâmbulo de H. Eremo, Grão Chanceler da 2ª Província, sobre o assunto concernente à legitimidade da filiação na Ordem do Templo com nosso sistema atual e qual o sistema

futuro da Ordem (1782)
Em "Os Cadernos Verdes" n° 7 e 8 (1985-1986).

A OBRA DE JEAN BAPTISTE WILLERMOZ

Há pouco mais de dois séculos Joseph de Maistre expôs, em suas Memórias ao Duque de Brunswick, certas questões sobre a Franco-Maçonaria que nenhum Maçom em total consciência se atreveria a pôr em discussão: “Possivelmente não existe nenhum maçom com certa capacidade de reflexão que não tenha perguntado uma hora após sua recepção: Qual é a origem de tudo isto que vivenciei? De onde provêm estas cerimônias estranhas, com toda a sua pompa e ostentação, as grandes palavras proferidas, e etc.?”. Depois de ter convivido algum tempo na Ordem surgiram outras perguntas, tais como: “Qual é a origem de todos estes mistérios que nada ocultam que aparentemente nada representam? Por que tantos homens de todos os países se reúnem (possivelmente há muitos séculos) para se sentar ordenadamente em duas filas, jurar não revelar jamais um segredo que não existe levar a mão direita ao ombro esquerdo, voltar a pô-la em seu lado direito, e sentar-se à mesa? Não é extravagante comer e beber em excesso sem falar de Hiram, do Templo de Salomão e da Estrela Flamejante, etc., etc.?”⁸.

Para estas perguntas, Willermoz – eminente maçom dotado de singular “capacidade de reflexão” – buscou obstinadamente as respostas, e durante longo tempo. E no-las legou por sua grandiosa obra, que é o objeto do presente trabalho.

WILLERMOZ E SEUS FAMILIARES MAIS PRÓXIMOS

Quem era Jean Baptiste Willermoz? Nascido a 10 de Julho de 1730 em Lyon, e falecido na mesma cidade após 94 anos, em 29 de Maio de 1824, era o menor de uma família de treze irmãos, dos quais somente três figuraram na história maçônica (nada sabemos acerca dos outros, exceto de um deles que, ao que parece, foi clérigo):

1º - Sua irmã maior, a futura Sra. Provensal, com a qual se manteve estreitamente ligado em toda a sua vida. Tornou-se viúva logo após poucos anos de seu casamento, e cuidou dos afazeres domésticos ao longo de toda a longa vida celibatária de Willermoz até seu matrimônio, contraído em 1796 com uma órfã chamada Jeanette Pascal. É digna de nota a diferença de idade entre Willermoz e Jeanette: ele tinha 65 anos, e ela, somente 24. A estreita relação entre os dois irmãos durou até o falecimento da Sra. Provensal em 1810, e todos aqueles que freqüentaram o lar de Willermoz ou nele residiram por alguns dias guardaram-na em saudosas recordações, como é o caso de Saint-Martin e de muitos outros. Privilegiada confidente de Willermoz, nada lhe ocultava, ao contrário: com ela compartilhava tudo, tendo até mesmo estimulado-a a entrar na “Ordem dos Sacerdotes Eleitos” de Martinez de Pasqually, onde foi recebida como “Mestre Cohen”, já que esta Ordem admitia mulheres.

2º - O futuro doutor Pierre-Jacques Willermoz (1735-1799), do qual tornaremos a falar mais tarde.

3º - E, finalmente, Antoine Willermoz (1741-1793), executado durante o Terror que se seguiu à tomada de Lyon pela Convenção depois que a cidade se sublevara para defender os Girondinos. Dos dois irmãos mencionados parece ter sido Pierre-Jacques o mais próximo a Jean Baptiste. Não obstante, ambos estiveram associados – quer se queira ou não, tudo leva a crer que Willermoz tinha

⁸ *Memórias ao Duque de Brunswick* (1782), de J. de Maistre, *Ecrits Maçonniques* (Geneve, Slatkine, 1983) págs. 80-81. Tratam-se de memórias redigidas como resposta à consulta geral organizada por Ferdinand de Brunswick no marco da preparação da convenção de Wilhelmsbad.

uma forte personalidade dominadora, para não dizer despótica – em seus empreendimentos maçônicos e para-maçônicos.

Para finalizar a discussão acerca de seu ambiente familiar devemos dizer que o casamento de Jean Baptiste Willermoz, aparentemente desequilibrado (pois havia quarenta anos de diferença entre os cônjuges, ainda que tal tipo de situação não fosse rara naquele tempo), trouxe-lhe grandes pesares. Não por ter sido infeliz em sua vida matrimonial, muito pelo contrário; mas sim pelo fato de, ao final de sete anos, em 1804 (Willermoz tinha então 74 anos), a Sra. Willermoz ter dado a luz à uma menina que viveu somente alguns dias; no ano seguinte deu a luz à um filho; posteriormente, em 1808, um parto prematuro lhe tirou a vida. Assim, “depois de doze anos de felicidade sem queixas” (segundo suas próprias palavras), Willermoz tornou-se viúvo aos 78 anos de idade, tendo sob sua responsabilidade um filho de 3 anos (que havia nascido em 20 de Setembro de 1805), em quem depositou todas as suas esperanças.

Tendo em vista a instrução futura de seu filho, Willermoz redigiu importantes documentos naquele tempo: nove cadernos classificados em seus arquivos sob o seguinte título geral: “Instrução secreta e particular a meu filho, para ser-lhe comunicada quando atingir a idade de perfeita maturidade e caso venha a demonstrar ser digno de recebê-la” (atualmente, tais instruções encontram-se no fundo Kloss da biblioteca do Grande Oriente da Holanda, em Haia). Estes textos, nos quais Willermoz expõe suas concepções religiosas e metafísicas – as quais, como veremos, estão estreitamente ligadas – são de um interesse capital, pois estão escritas de modo aberto, sem ter seu pensamento disfarçado para satisfazer a política maçônica.

No dia 23 de Outubro de 1812 o pequeno Jean Baptiste-François de Sales-Claudius, que parecia cheio de vida (em uma carta datada de 10 de Setembro de 1810 a Charles de Hesse, Willermoz o descrevia como “muito bem constituído”), morre subitamente com apenas 7 anos de idade. Que golpe para este ancião de 82 anos que, em um espaço de quatro anos, havia perdido sua querida esposa, sua não menos querida irmã, e seu filho, “a menina de seus olhos”, como ele costumava dizer.

Entretanto, sólido como uma rocha, desconhecendo qualquer enfermidade – salvo um tremor nervoso em suas mãos que havia aparecido aos 70 anos e que foi-se agravando a ponto de deixá-lo praticamente incapaz de escrever por si mesmo, e obrigá-lo a recorrer aos bons serviços de seu sobrinho – sobreviveu ainda mais doze anos até a idade avançada de 94 anos.

A partir daquele momento, já sem descendência direta, voltou seu afeto e suas esperanças, principalmente maçônicas, a seu sobrinho, filho de Antoine, que deveria ser seu afilhado, posto que também se chamava Jean Baptiste. Este lhe serviu freqüentemente como seu secretário: por exemplo, foi ele quem redigiu, sob ditado de seu tio, a longa carta datada de 10 de Setembro de 1810 a Charles de Hesse, pela qual retomou contato após 15 anos, carta esta na qual dá notícias (preciosas para nós) do Regime Retificado na França:

“Minha mão, depois das fortes sacudidas morais que tenho sofrido, me nega seu serviço para escrever qualquer texto de forma contínua. Estou obrigado a tomar os préstimos de meu sobrinho (a Lilio Albo), filho de meu irmão (a Concórdia), para escrever sob meu ditado; sendo Cavaleiro e Grande Professo, é o único com o qual posso contar para meus escritos confidenciais; porém, encontrando-se ocupado em seus assuntos durante todo o dia, pode me dedicar somente alguns poucos momentos, esporadicamente, e sempre demasiadamente curtos”.

É fácil de se perceber que o sobrinho de Willermoz não tinha realmente a fibra maçônica, e é de se supor que ele havia aceitado ser iniciado em todos estes segredos somente para agradar a seu tio. É certo que Willermoz se frustrou em suas esperanças, visto que seu herdeiro maçônico foi Antoine-

Joseph Pont (filho de um amigo de seu irmão Antoine, iniciado por Willermoz juntamente com seu sobrinho Jean Baptiste, tendo sido os únicos iniciados por Willermoz após a Revolução Francesa). Willermoz fez de Antoine-Joseph Pont o legatário de todos os seus arquivos e documentos.

Para finalizar estes comentários acerca da família de Willermoz e então passar à sua vida profissional é necessário dizer algumas palavras acerca de seu pai. Claude-Catherine Willermoz, oriundo de Saint-Claude, no futuro departamento do Jura, havia emigrado a Lyon no princípio do século e exercia a profissão de “comerciante de miudezas”. Os Willermoz foram, pois, influenciados por esta “atmosfera lyonesa”, de onde provieram as características que se revelaram no caráter de Jean Baptiste: obstinação, gosto pelo secreto, talento para tratar com pessoas, senso para negócios e para relacionamentos.

A VIDA DE WILLERMOZ

O jovem Jean Baptiste foi impelido, desde tenra idade, a ter uma vida ativa. Aos 14 anos foi aprendiz de um comerciante de sedas (algo que se impunha em Lyon). Dez anos mais tarde, aos 24 anos, montou seu próprio negócio e se estabeleceu por conta própria como “mestre fabricante”. Uma nota contemporânea, um tanto anterior à Convenção de Wilhelmsbad, descreve-o como “fabricante de tecidos de seda e comerciante”, sendo ao mesmo tempo fabricante e varejista, pertencendo também à aristocracia do comércio Lyonês. Seus produtos eram vendidos em toda a França e em boa parte da Europa, o que lhe permitiu entrar em contato e se relacionar com numerosos clientes abastados da aristocracia, incluindo príncipes, aos quais entretinha contando seus interesses e curiosidades maçônicas. Em sua correspondência pode-se ver mesclada, de maneira muito divertida até, as mais elevadas considerações sobre as “altas ciências”, assuntos da Maçonaria, o Cristianismo transcendente, como bem dirá Joseph de Maistre, e, de improviso, muitos outros assuntos de natureza profana, relativos a mostras de tecidos ou coloridos. Existe um intercâmbio de cartas com Charles de Hesse acerca das colorações obtidas pelas receitas “alquímicas” do Conde de Saint-Germain (que o príncipe teria recolhido) e que, ao prová-las, se revelaram de pobre qualidade...

As viagens anuais empreendidas em razão de seu comércio e sua correspondência de negócios demonstraram ser excelentes vias para não somente entrar na matéria, mas também para travar contatos com o que foi a grande obra de sua vida: estender e aprofundar “o campo de seus conhecimentos maçônicos”. Isto foi o que o levou a fechar seu negócio comercial (vendeu a seus principais empregados) em 1782, pouco antes da convenção de Wilhelmsbad, para então se consagrar inteiramente a Franco-Maçonaria.

Alice Joly (a quem devemos todos estes detalhes) aponta que nesta época iniciou-se um período de crise para os negócios com seda, já que as pessoas passaram a preferir os tecidos de algodão e de mousseline – o tecido que se imaginava Maria Antonieta jogando nos encostos das cadeiras do pequeno Trianon. Isto prova que Jean Baptiste Willermoz tinha o senso de oportunidade, o que confirma amplamente sua política e sua diplomacia maçônica. Por outro lado, pudera aposentar-se com a idade de 52 anos, ou seja, bem precocemente, o que demonstra o fato de Willermoz ter conquistado se não uma fortuna, ao menos uma situação econômica favorável que lhe permitisse viver de renda e até mesmo adquirir uma fazenda em razão de seu matrimônio em 1796 (em uma carta anteriormente citada de 1810 a Charles de Hesse, Willermoz qualifica a si mesmo como “Jean Baptiste WILLERMOZ, proprietário”). Willermoz constantemente ampliou e tornou cada vez mais bonita sua fazenda, o que demonstra ter sido ele um sagaz homem de negócios.

Em suma, Willermoz não havia se afastado totalmente de seus negócios. Manteve interesses no comércio atacadista de seu irmão, Antoine, e de seu cunhado, Provensal. Na ocasião da morte de

Antoine foi preciso fechar este comércio, tendo sido então requisitada a presença de Willermoz para realizá-lo.

Para Willermoz, o êxito profissional, o êxito social (como mais adiante veremos) e, se assim podemos dizer, o êxito maçônico, andavam em conjunto, e isso era devido ao fato de aplicar suas múltiplas qualidades em seus diferentes campos de atuação. Porém, não podemos perder de vista que Willermoz foi, ao mesmo tempo, um autodidata e um homem que se fez sozinho. Por este ponto de vista ele recorda freqüentemente seu quase contemporâneo Laurence Dermott (1720-1791) que, começando como pintor de construção civil, passou a ser um próspero comerciante de vinhos londrinos, e foi o animador e a alma pensante da Grande Loja dos “Antigos”, o mesmo que Willermoz era para o Regime Retificado; e, curiosamente, ambos desde os postos de secretário, o que fazia deles chefes ocultos assim como Superiores Desconhecidos, ou seja, dirigentes muito mais reais de seus respectivos sistemas que os chefes ostensivos.

Tudo isso nos conduz à carreira maçônica de Willermoz, a qual se confunde praticamente com sua vida, ou mais exatamente, demarca e orienta seu curso. As peripécias maçônicas modelam a sua existência e, em função delas, pode ser esquematicamente dividida em quatro grandes períodos:

1º - Um período de cerca de quarenta anos, de 1750 a 1791, caracterizado por uma atividade maçônica cada vez mais intensa e criativa, ao menos até os anos 1775-1785, que configuram seu ponto culminante;

2º - Um período de uma década, de 1791 a 1801, no qual fora forçado, em função dos eventos revolucionários, a encerrar temporariamente sua atividade maçônica, o que lhe conferiu a possibilidade e o tempo necessário para aplicar sua transbordante energia a outros centros de interesse. Isso, sem que seu apego apaixonado pela Maçonaria diminuísse nem um átimo, tendo mantido nesta época uma atitude do tipo contemplativo-especulativa;

3º - Outro período de uma década, de 1801 a 1810, que poderíamos definir como sendo um período misto. Um ligeiro recrudescimento das atividades maçônicas conduzem Willermoz a retomar seus próprios trabalhos. É neste período que termina a redação e demais correções dos rituais da Maçonaria Retificada (em particular o de Mestre Escocês e suas instruções). Isto, pois Willermoz era o único conservador e depositário não somente dos documentos e arquivos autênticos do Rito Retificado, mas também – e sobretudo – de sua memória. Por exemplo, de 1802 a 1807 ministrou um verdadeiro curso de Franco-Maçonaria para uso da Loja da Tripla União de Marselha. Prossegue simultaneamente e de forma ininterrupta suas atividades sociais e caritativas.

4º - Um último período de uma quinzena de anos, de 1810 a 1824, caracterizado por sua velhice (de 80 a 94 anos), no qual seu “ardor se apaga”, principalmente em se tratando da Maçonaria Retificada, da qual praticamente desaparece de cena. Escrevendo a Charles de Hesse, constata um “resfriamento geral na França em relação à Maçonaria autêntica”, e adiciona que, “desde cerca de sete ou oito anos não havia podido se ocupar com nada, e que não acreditava que restasse ninguém da antiga província de Auvernia que estivesse interessado pelos segredos da verdadeira Maçonaria”.

Como é fácil de se ver, dentro do ponto de vista que nos interessa, quer dizer, o ponto de vista maçônico, o primeiro destes quatro períodos – que, por outro lado, ocupa um lapso de tempo mais abrangente que o dos outros três juntos – é o qual que se apresenta mais rico ante nossos olhos, já que é no curso deste intervalo de tempo que Willermoz edificou a obra da qual somos hoje seus herdeiros. Também podemos logicamente dividir sua existência e sua atividade em dois grandes períodos: antes e depois da revolução. Remontaremos inicialmente este segundo período, para depois então nos determos e analisarmos mais amplamente o primeiro.

WILLERMOZ ANTES E DEPOIS DA REVOLUÇÃO

A Revolução, como se sabe, provocou sob a Convenção e principalmente sob o Governo do Terror a interrupção de toda atividade maçônica (1793-1795), especialmente com a espetacular abdicação do Grão-Mestre Phillippe-Egalité que abandona, em Janeiro de 1793, “a quimera pela realidade”, segundo os próprios termos de sua declaração pública. A Franco-Maçonaria não despertará até 1795-96, graças ao esforço e cuidado de Roettiers de Montalean, antigo Venerável Mestre (em 1793) do Centre des Amis.

De fato, para o Regime Escocês Retificado, a etapa na qual os trabalhos estiveram paralisados já havia se iniciado anteriormente, tal como relata Willermoz em sua carta a Charles de Hesse de 10 de Setembro de 1810. E isso em razão dos principais da Ordem, os Grandes Professos (que na continuação veremos quem eram) que, sendo por definição homens da elite, tanto da burguesia quanto da aristocracia, haviam tomado parte ativa nos acontecimentos políticos desde o primeiro momento; muitos eram delegados – tanto do clero, como da nobreza ou do Terceiro Estado – primeiramente nos Estados Gerais, logo na Assembléia Nacional Constituinte na qual estes Estados se transformaram, e alguns foram inclusive eleitos para a Assembléia Legislativa que se seguiu. Evidentemente o trabalho maçônico se ressentiu, bem como a boa harmonia existente: dividiram-se entre partidários e adversários da Revolução (sendo estes últimos os mais numerosos), o que então resultou em vívidas discussões, nem sempre muito fraternais. Como uma mostra disso, podemos ver o seguinte caso, testemunho das disputas provenientes desde a época dos Estados Gerais, entre dois Grandes Professos, o Cavaleiro de Rachais e o livreiro Périsset-Duluc, o qual compartilhava a opinião de Willermoz em favor da “igualdade nacional e cívica”. Como o primeiro reprovava veementemente a atitude do segundo, em nome da preeminência “não somente política, mas também natural” da nobreza, este último lhe replicou que “visto os princípios que ambos professavam” se estimava tão nobre como Rachais e que este último era tão plebeu como ele mesmo. Ao qual o Cavaleiro respondeu em alta voz: “Senhor, Senhor, como irmão da Ordem dos Grandes Professos, eu os quero bem!... (cf. Le Forestier, op. cit., pág. 837). O “nível” maçônico, símbolo da igualdade, por não falar do amor fraternal, estava bem distante de tudo isto.

Jean Baptiste Willermoz havia feito sua escolha. Com seu irmão e médico Pierre-Jacques, e seu íntimo colaborador Périsset-Duluc do qual acabamos de falar, se alinharam entre os “patriotas”, quer dizer, entre os partidários da Revolução, porém entre os moderados; era um “monarquista constitucional”. Pertencia à “Sociedade dos Amigos da Revolução”. Seus membros, vulgarmente chamados os “Feuillants”⁹, entre os quais se encontravam Sieyes, André Chénier, La Fayette, por exemplo, seriam os que hoje poderíamos denominar como “centristas”. Como tais, seriam combatidos igualmente pelos monarquistas intransigentes, pelos contra-revolucionários, e pelos revolucionários extremistas, os Jacobinos¹⁰. Eis o que foi escrito pelo irmão de Willermoz nos

⁹ O Clube dos Feuillants foi fundado em 16 de Julho de 1791, tendo-se instalado na rua Saint-Honoré de Paris no convento que haviam ocupado até a dissolução (em 1791) dos feuillants, religiosos da Ordem do Cister. Este Clube reagrupava os elementos conservadores do Clube dos Jacobinos que decidiram se separar deste último após uma parte importante de seus membros terem se pronunciado a favor da queda do rei em Varennes. Inscreveram-se 264 deputados na Assembléia Legislativa. Adversários tanto do antigo regime quanto da democracia, os feuillants eram partidários de uma monarquia limitada e de uma primazia da burguesia tal como estabelecia a Constituição de 1791. Dividiam-se entre duas tendências: Lametistas e Fayetistas. Os “Lametistas” seguiam as ordens do triunvirato composto por Barnaye, Du Port e Lameth, ao passo que os Fayetistas se inspiravam em La Fayette. Esta facção dos Feuillants que tencionava obter um papel mediador caiu ao mesmo tempo que o trono, em 10 de agosto de 1792. Sua influência deu lugar à dos Brissotins, futuros Girondinos. (Dicionário PERRIN de História Francesa).

¹⁰ Clube dos Jacobinos: Partido político surgido na França durante a Revolução. Constituído em Versalhes durante os Estados Gerais (1789), foi logo transferido a Paris onde, sob o nome de Société des Amis de la Constitution, celebrava suas sessões em um antigo convento de dominicanos. Receberam o nome de Jacobinos por estarem situados na Rua de São Jacobo, endereço em Paris no qual estabeleceram sua primeira casa. Partido político moderado de início, radicalizou-se após a cisão dos Feuillants (1791), e sob a influência de Robespierre, se converteu no principal órgão e

momentos em que Jean Baptiste estava tendo sérias dificuldades em consequência da tomada de Lyon pelas forças da Convenção: “Tu és um moderado, um Feuillant que sempre se mostrou como tal. Crêem que és um homem honesto, já que somente lhes falas quando estão em grupo, sem cumprimentá-los pelas ruas, eriçando as costas e vinculado aos realistas”. (em Alice Joly, op. cit., pág. 296).

Com efeito, no final de Maio de 1793, ao anunciar a proibição dos Girondinos¹¹, as seções de Lyon se sublevaram, expulsando do poder a municipalidade montanhesa¹² e se rebelando contra a Convenção. Esta última então envia suas tropas que cercam a cidade rebelde (de 8 de Agosto a 9 de Outubro de 1793). Devido a este cerco, uma das bombas empregadas no conflito cai no domicílio de Willermoz, que acaba por destruir uma parte de seus arquivos. Ele mesmo exercerá, sob mil penalidades e em circunstâncias perigosas, as funções de administrador (voluntário) do “Hospital Geral da Casa de Deus” de Lyon. (A revista *Renaissance Traditionnelle*, nº 45, de Janeiro de 1981, publicou diversos textos de arquivo, dentre os quais figuram as petições de Willermoz à municipalidade descrevendo as dificuldades extremas com as quais se debatia). No princípio de Outubro as tropas da Convenção, enviadas por Kellerman (que era maçom!), esmagaram os defensores de Lyon vitimando, entre outros, Henrie de Virieu, antigo coadjutor (*Le Forestier*) de Willermoz, que aos 37 anos tentava escapar do cerco. A tudo isto se seguiu um sangrento Terror marcado por execuções em massa, de Novembro de 1793 a Fevereiro de 1794. Willermoz foi denunciado por três vezes. Em duas ocasiões foi absolvido; porém, na terceira, preferiu não se arriscar, e fugiu para o campo (de Fevereiro a Outubro de 1794), conseguindo assim ficar a salvo. Antoine Willermoz, mais moderado que Jean Baptiste e Pierre-Jacques, foi guilhotinado em 28 de Novembro de 1793.

Depois deste episódio e, sobretudo depois do sucesso de Thermidor (execução de Robespierre e Saint-Just, em 27 de Julho de 1794), Willermoz retorna a vida normal. Em 1796, como vimos, Willermoz se casa. Desde então multiplica suas atividades. Entrega-se à beneficência (como exige sua condição de Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa): desde 1797 até o fim de sua vida foi um dos cinco membros da comissão administrativa dos hospícios civis, levando a cabo uma considerável obra de reconstrução e reorganização; do mesmo modo, foi membro da oficina de beneficência do terceiro distrito, de 1804 até o fim de sua vida, e algum tempo depois da oficina central. Coloca sua capacidade a serviço da religião: em 1809, o arcebispo de Lyon, cardeal Fesch (tio de Napoleão I), o nomeia membro do conselho de fábrica da paróquia de São Policarpo. Ocupa-se da instrução

sustentáculo da Convenção e do Governo do Terror. Foi fechado na ocasião da queda de Robespierre (novembro de 1794) e reconstituído por Gracchus Babeuf (1795), para ser definitivamente encerrado em 1799.

¹¹ **Girondinos:** Os Girondinos eram assim chamados por causa de alguns de seus membros, deputados pela Gironda. Partidários da burguesia ilustrada opuseram-se à política revolucionária dos Jacobinos. Com o apoio dos departamentos, se esforçaram em frear a Revolução na medida em que ela se radicalizava. Uma vez proclamada a República, os Girondinos quiseram instaurar na França uma república burguesa moderada; porém, as derrotas sofridas pelo exercito francês e o abandono de Dumoriez significaram o fim de sua influência. Acusados de traição pelos Jacobinos, seus chefes foram presos em sua maior parte (Junho de 1793), sendo que alguns deputados girondinos intentaram um levante federalista na províncias, porém sem sucesso. Em Outubro de 1793 foram executados os principais dirigentes deste grupo.

¹² **Partido da Montanha:** Na Revolução Francesa era um grupo de deputados (*montagnards*) que constituía a esquerda na Convenção, e eram assim chamados por ocuparem as cadeiras mais altas na sala da assembléia. Faziam parte deste grupo Robespierre, Danton, Marat, Saint-Just, Couthon, Billard-Varenne, Carnot, entre outros. Oposto à maioria conservadora da Convenção e ao federalismo dos Girondinos, lograram derrotá-los (2 de Junho de 1793) com apoio dos clubes jacobino e franciscano, da Comuna e das classes populares, tendo implantado em seu lugar uma ditadura dirigida pelo Comitê de Salvação Pública. Robespierre foi a principal figura deste Comitê. Enquanto esteve no poder acelerou a distribuição de bens comuns e a liquidação da ordem feudal, continuou o processo de combate ao Cristianismo em beneficio ao culto revolucionário e derrotou os federalistas, realistas e coligados; porém, as dissensões internas e a sistemática repressão à qual se entregou acabaram por debilitá-lo. Como grupo político foi definitivamente esmagado em 9 de Termidor (27 de Julho de 1794).

primária. Faz parte da administração local: de 1800 a 1815 é conselheiro geral do departamento do Ródano (os conselheiros gerais não eram eleitos na época, mas sim nomeados pelo governo). Finalmente, foi membro desde 1798 da Sociedade de Agricultura (cujo presidente foi encarregado de pronunciar um discurso em seu funeral), tendo então se tornado um agricultor apaixonado: a condição de “proprietário” com que intitulava no final de sua carta de 1810 a Charles de Hesse não havia sido em vão...

“Estou completamente afastado de todos os assuntos externos. Vivo há 15 anos em uma fazenda rural no interior da cidade, situada, em um de seus extremos, sobre uma colina onde o ar é muito favorável à minha saúde; ocupo-me do cultivo da vinha e de seus frutos no tempo disponível. Seria feliz se não tivesse sido acometido da desgraça de perder, já há dois anos, minha querida esposa por causa de um parto prematuro, etc...”.

Em suma, Willermoz se apresenta – mesmo encontrando-se em plena velhice – como um homem dotado de uma vida plenamente ativa, atividade esta exuberante e de forma alguma sonhadora; ao mesmo tempo, se apresenta como um homem notável que soube muito bem guiar seu êxito social.

Tais elementos, que são indispensáveis para completar o retrato do homem, deixam escapar o essencial: o maçom e sua obra, obra esta que foi, literalmente, a maior de sua vida. É a seu estudo que a partir deste ponto nos dedicaremos.

WILLERMOZ ANTES DA REVOLUÇÃO

SUA OBRA MAÇÔNICA

Iniciado em 1750 com a idade de 20 anos (a mesma que Dermott) em uma loja de Lyon (a qual se ignora o nome), Willermoz galgou rapidamente todos os seus graus. Relatando seus feitos cinquenta anos mais tarde, escreveu que em seguida foi “vestido com todos os cordões e de todas as cores possíveis”; porém, rapidamente repudiou a frivolidade e a indisciplina reinante nas lojas. Vejamos o que escreveria vinte anos mais tarde em uma carta datada de 14-18 de Dezembro de 1772 ao barão Charles de Hund, fundador da Estrita Observância Templária:

“Fui admitido bastante jovem em nossa Ordem. Os chefes da loja que me haviam recebido quiseram recompensar meu zelo permitindo-me um avanço rápido em seus mistérios. Em 1752 fui eleito venerável. O relaxamento bastante comum nas lojas da França afetou também esta; minha rigidez desagradou a muitos, o que me fez tomar partido, com um pequeno número de amantes de nossas leis, a formar uma outra loja sob o título de Perfeita Amizade. Esta decisão se procedeu de forma muito amigável; minha primeira tarefa foi a de procurar as constituições. As que obtive em 1756 são as primeiras conhecidas em Lyon e emanadas da Grande Loja da França. Fui eleito novamente Venerável, e apesar de minhas petições para deixá-lo, continuei neste cargo até 1762. Várias lojas estabelecidas em Lyon se lamentavam do abuso que se propagava cada vez mais. Eu contribuí para formar a G.L. de Mestres Regulares de Lyon com os veneráveis mestres e os que lhes sucederam, e ademais os deputados elegíveis de cada uma delas, escolhidos entre seus oficiais de maior grau (era preciso ser Cavaleiro do Oriente para poder ser admitido). Este estabelecimento foi formado em 4 de Maio de 1760 e imediatamente reconhecido e patenteado em 18 de Julho de 1761 pela G.L. da França, tenho sido agraciada com os maiores elogios pelo nome que havia sido escolhido, ao qual foi complementado: a exemplo da de Paris. Com esta composição, a G.L. dos Mestres Regulares de Lyon foi encarregada de zelar pela manutenção da disciplina nas lojas, da conservação da correspondência geral feita sob seu nome, de fixar a escolha da uniformidade dos graus simbólicos (chamo Graus simbólicos os compreendidos até o de Cavaleiro do Oriente, inclusive). Em 1761 fui eleito Grão-Mestre Presidente, sendo que tal eleição era realizada anualmente com a participação de todas as lojas. Fui obrigado a continuar nesta função durante 1762. Finalmente, em 1763, obtive a

liberdade que tanto desejava, e aceitei ser o depositário dos selos e arquivos deste Oriente que haviam ficado disponíveis devido a morte de um Respeitável Irmão encarregado de sua custódia, depósito este que se encontra atualmente em meu poder”.

Esta função de “depositário de selos e arquivos” permitiu-lhe posteriormente entregar-se a uma de suas atividades favoritas: pesquisar, estudar e comparar os rituais de todos os graus possíveis. Porém, por que tudo isto? Por gosto de colecionador? Certamente que sim, de algum modo, porém haviam outros motivos mais profundos, mais essenciais, que tinham a ver com o estado da Franco-Maçonaria da metade deste século, da qual Willermoz se tornaria membro.

Nesta época, a Franco-Maçonaria era, ao mesmo tempo, célebre e desacreditada. Falava-se e escrevia-se muito sobre ela. As “divulgações” se multiplicavam, e se contavam pelo menos doze entre 1737 e 1751 a partir da recepção de um Maçom livre, que nada mais era que a redação das confidências de travesseiro recolhidas por uma bailarina de opereta, la Carton, instigada pelo tenente de polícia Herault. Numerosas divulgações eram copiadas e se repetiam. Estas eram, em seu conjunto, cada vez mais precisas e bem informativas. Em que se converteria o “segredo do maçom” depois disto tudo? Era um famoso segredo que todos conheciam (ou acreditavam conhecer).

Por outro lado, a situação era parecida na Inglaterra onde, em 1743, Horario Walpole (que também era maçom) escreveu: “A reputação dos franco-maçons está em seu momento mais difícil na Inglaterra (...) não vejo outra coisa senão uma perseguição para colocá-los em moda”.

Podemos então constatar a existência, a grosso modo, de dois grandes tipos de Maçonaria e de Maçons. A primeira se caracteriza por uma sociabilidade apaixonada pela razão e pelo bom gosto, ou, para empregar uma linguagem mais atual, repleta de “atrativos”: é isto que o abade Marquet, em seu Discurso sobre o espírito da sociedade (1735), chamava de “razão humanizada”. Esta tendência era ilustrada perfeitamente pelo presidente Bertín de Rocheret, eleito de Epernay. Em sua Apologia da antiga, nobre e venerável sociedade dos franco-maçons (1737) escreve: “Deus, o Rei e a honra são os três pivôs sobre os quais esta antiga sociedade se sustenta desde aproximadamente sete séculos. Uma confederação de pessoas distintas e honestas em todos os estados, que não buscam outra coisa senão divertir-se filosoficamente no intercâmbio de bons sentimentos, das boas letras e belas artes de toda espécie, formando em tudo isso um sólido vínculo”. E, mais adiante, depois de ter citado como exemplo a famosa abadia de Ripaille, fundada no século XV pelo duque Amadeo VIII de Sabóia, com sua “regra de vida” fundamentada “sobre os princípios de um epicurismo sutil e filtrado pelas leis do Cristianismo”, toma a si, para depois devolvê-la como cumprida, a crítica pontifícia segundo a qual a “Franco-Maçonaria” seria “um refinamento do epicurismo”, comentando-la do seguinte modo:

“... é certo que não nos serão atribuídas mais do que as máximas de um Epicuro cristão que sabe aliar os deveres de sua religião e de seu estado com as satisfações permitidas; o que realmente é a honestidade humana segundo Deus e segundo o mundo, suprimindo e aniquilando todas as tumultuosas paixões que se opõem à honesta segurança que procuramos gozar. Eis aqui toda nossa filosofia e nossa ciência, que deveria ser a de todo o gênero humano, se o fingimento e os prejuízos não se opusessem como obstáculo a este estado de perfeição que nós nos esforçamos por alcançar”.

Em suma, segundo Bertín de Rocheret, o estado de perfeição ao qual deve conduzir a Franco-Maçonaria consiste em “gozar” as “satisfações permitidas” com toda a “segurança”. Trata-se indubitavelmente da busca do prazer “honesto”, mas “igualmente cristão”, se assim se desejar, porém sendo mesmo assim prazer – o que é uma bela definição do epicurismo.

De uma mesma maneira Joseph de Maistre, recordando-se da loja dos Três “Morteros” na qual foi iniciado, escrevia de maneira muito clara: “Era puramente uma sociedade de prazer”.

Podemos encontrar este mesmo aspecto em um texto contemporâneo reencontrado nos arquivos deste famoso iniciado que foi o marquês de Chefdebien. O autor, um maçom que permaneceu anônimo, desenvolve, sob o nome de “Companheiro do dever”, uma concepção igualmente epicurista da Maçonaria que pode ser resumida na seguinte frase: “O princípio de sua instituição (...) não apresenta como objetivo, de antemão, fazer seus associados gozar das delícias de uma sociedade escolhida, na qual os prazeres se tornam mais interessantes pelo ligeiro mistério e pelas cerimônias um tanto torpes dos companheiros do dever”.

Este gênero de Maçonaria é apresentada nestes textos sob uma aparência conveniente e decente, mas a realidade era muito diferente. Comia e bebia-se muito – podemos recordar a passagem do texto de Joseph de Maistre, citado no começo deste trabalho: “Não se pode (...) comer e beber em excesso, etc...”. Os “trabalhos de mesa” davam lugar a um ritual mais complicado do que o desejável, e não era por acaso que a loja se formava, freqüentemente, nas tavernas (leia-se espeluncas); às vezes os encarregados se auto-nomeavam Veneráveis, e ser venerável, até a reforma decretada pelo Grande Oriente de 1773, era um cargo vitalício (ao menos em Paris).

As desordens nas lojas foram unanimemente denunciadas nesta época. É daqui que se procederam as diversas tentativas por parte dos “altos graus” para controlar a situação: segundo os estatutos ditados pela Grande Loja em 1755, os Mestres Escoceses tinham por missão explícita vigiar as lojas.

Observa-se uma situação análoga, por exemplo, na Alemanha. Temos como prova disto os extratos da oração fúnebre do barão de Hund que, recordemos, fora o fundador da Estrita Observância Templária, com o objetivo de reformar a Maçonaria: “Estas lojas atraem pessoas de espírito, porque estes não caíram nas mesmas extravagâncias e nos mesmos prazeres ruidosos que estiveram em moda nas lojas da Alemanha deste mesmo tempo. A mesma loja de Altenburg, que não tem mais do que três graus, trabalha com ordem e decência; as outras lojas são como templos do deus Baco; e, se em uma ou em outra se encontram homens de mérito, se envergonham de comparecer nas assembléias, o que naturalmente deverá acarretar a decadência da Ordem”.

Mais adiante, diz: “Em 1755 nosso Venerável Mestre Provincial reformou uma antiga lei de Dresden, conferindo-lhe uma forma mais regular: as lojas passariam a receber somente pessoas cuja conduta era irrepreensível, fato este que despertou a atenção de todos. Sua Majestade, a Rainha da Polônia, fez os seguintes comentários acerca dos vários irmãos maçons que mudaram de conduta após sua recepção: “É necessário vigiar mais de perto esta sociedade, que antigamente não tinha uma maior transcendência quando suas assembléias somente se destinavam a realizar sacrifícios a Baco, mas que, na atualidade, se estabeleceram nas bases da prudência, pela qual será preciso conferir uma maior atenção...”.

Em contrapartida – e esta é a segunda tendência – outros maçons tinham idéias e aspirações sob uma concepção totalmente diferente da Maçonaria. Esta outra Maçonaria era buscada em todas as partes e, na falta de encontrá-la, a inventavam por eles mesmos. Tal era a origem dos outros graus.

O que buscavam? Um significado, uma substância para a Franco-Maçonaria, não tendo esta nenhum valor, segundo eles, se seus adeptos não procurassem um conhecimento, uma “ciência”. Para alguns, esta ciência deveria ser elevada, uma “alta ciência”. Willermoz falará também de “conhecimentos raros e preciosos”. Entretanto, a maior parte deles entenderá esta noção em seu sentido mais concreto e material. E este século – quiçá mais “dividido em si mesmo” que os outros, século das luzes, mas também do iluminismo, século da razão, mas também do irracional, da incredulidade e da credulidade, do sentimento e do cinismo – é terrivelmente material, para não

dizer materialista. Sua religiosidade é sentimental, seu sentimento é de desfrute, e sua busca do oculto em si mesma é a investigação de poderes tangíveis e de efetividade real.

Sustentavam que a hipótese da Maçonaria encobria uma verdade oculta, certamente escondida para a maioria, mas capaz de dar poderes efetivos àqueles que tinham acesso à mesma, seja da ordem da influência – quer dizer, da influência política e social, de onde sai como consequência o mito das “forças ocultas”, do “complô maçônico”, etc – seja na ordem do poder de conferir a riqueza e restaurar a saúde, isto é, o poder de fazer ouro e o de curar; ou, em outros termos, a transmutação dos metais e a taumaturgia.

É esta também a época onde cada um presume curar. Para citar somente os nomes dos mais célebres podemos listar Cagliostro, Saint-Germain, Martinez de Pasqually e também Mesmer e a incrível moda do magnetismo, à qual Willermoz e seus associados sucumbiram do mesmo modo que outros grupos, tendo-se ocupado assiduamente das curas magnéticas durante vários anos.

Quanto à alquimia, podemos dizer que jamais na história fora tão popular e tão investigada – o que não quer dizer sobremaneira que tenha sido praticada com seriedade e honestidade. Uma tal atração devia-se, sobretudo a duas razões: os bens materiais que poder-se-ia conseguir (ouro, saúde, longevidade), como também o poder de influenciar os demais, além do poder que a alquimia legaria àqueles que se dedicassem à sua prática, a partir do momento que estes bens podiam, segundo seus desejos, serem dados ou negados aos demais.

Aqui reside, repetimos, a origem – não a única, porém a principal – dos altos graus e de suas lendas. Lendas estas conectadas entre si, e que podem ser classificadas em três grupos: a lenda escocesa, a lenda jacobina ou stuardista, e a lenda templária. Estas têm como denominador comum a afirmação da posse, no coração mesmo da Maçonaria e sem que soubesse a maior parte dos maçons, dos Superiores Desconhecidos, os quais afirmavam possuir e ser depositários, fosse por filiação ou mesmo sucessão, de poderes quase sobrenaturais cujos efeitos – ao menos se supunha – eram bem tangíveis e reais nos âmbitos que acabamos de mencionar.

Tal era a inspiração geral dos diferentes sistemas e graus que Jean Baptiste Willermoz se dispôs a estudar por suas funções no seio da Grande Loja dos Mestres Regulares de Lyon, e examinou-as cuidadosamente a fim de encontrar a verdade maçônica e a verdade da Maçonaria.

Deste modo se organiza a sua carreira maçônica que, para fins de maior clareza, pode ser decomposta em diversos períodos, entrecortados por datas significativas que correspondem a feitos memoráveis.

1 - A BUSCA DA VERDADE 1760-1767

Deixemos que Willermoz se expresse com suas próprias palavras:

“Há muito tempo os maçons se embrenham em buscas intermináveis para desvendar o verdadeiro objetivo da Ordem. Desta busca nasceram uma infinidade de sistemas muito diferentes entre si, seja em número ou em suas horríveis consequências. Um estudo contínuo de cerca de 20 anos na Ordem permitiu-me conhecer muitos destes sistemas; não tenho, em absoluto, nenhuma vaidade ao acreditar que os conheço todos, já que cada nação pode ter seus sistemas particulares que adotam como único e verdadeiro objetivo, censurando ou desaprovando todos os demais. Creio firmemente que são falsos todos aqueles que se apartam ou não exigem a prática da moral mais sã. Assim, pois, somente pode-se escolher entre o pequeno número de sistemas que compõem esta classe”.

(Carta ao barão de Landsperg, 25 de Novembro de 1772)

“Desde minha primeira admissão na Ordem estive sempre convencido de que ela encerra o conhecimento de um objetivo possível e capaz de satisfazer a honestidade humana. Partindo deste pressuposto, tenho trabalhado arduamente para descobri-lo. Um estudo contínuo de mais de 20 anos, uma correspondência particular consideravelmente extensa trocada com irmãos instruídos da França e de fora dela, o legado dos Arquivos da Ordem de Lyon, sob minha custódia há dez anos, me têm conferido meios, graças aos quais tenho descoberto numerosos sistemas, cada qual mais singular que o outro. Uma simples inspeção é suficiente para provar a futilidade de uns, a impossibilidade de outros e, finalmente, para inspirar uma justa aversão por alguns outros mais. É inconcebível que uma tal multiplicidade de homens razoáveis se ocupem seriamente com tais tipos de quimeras. Todos os objetivos, quaisquer que sejam, que não estejam destinados à utilidade pública e particular, dentro dos limites que os primeiros princípios da Ordem prescrevem, me parecem evidentemente falsos”.

(Carta ao barão de Hund, 14-18 de Dezembro de 1772)

Na continuação desta segunda carta Willermoz expõe que a Grande Loja de Lyon não se apresentava como um lugar propício para tais buscas, o que o impeliu a adotar um instrumento adequado, um capítulo por ele mesmo constituído, uma espécie de “laboratório” de altos graus:

No ano de 1765 os conhecimentos relativos aos mistérios da Ordem estavam se multiplicando neste Oriente no que se refere aos graus seguintes ao de Cavaleiro do Oriente. Alguns irmãos, possuidores dos diferentes sistemas adotados em diversos lugares sob este mesmo objetivo, decidiram formar entre si um capítulo, o qual estaria reservado somente a eles, cuja finalidade seria a de deter esta multiplicidade. Esta pequena sociedade, independente da Grande Loja dos Mestres, recebeu o título de Capítulo dos Cavaleiros da Águia Negra. Esta sociedade realizou uma seleção entre os conhecimentos que adotou, proscrevendo os considerados falsos e perigosos por suas conseqüências, e manteve secretas suas assembléias para evitar suscitar a curiosidade. Desde sua fundação mostrou-se muito crítica em relação a admissão de novos membros, tendo sido nomeado para presidi-la o Irmão Jacques Willermoz, doutor em medicina, agregado do colégio de Lyon e antigo professor de química da Universidade de Montpellier.

Se eu não estivesse ligado a ele pelo duplo título de irmão estaria mais livre para poder elogiar as belas qualidades que esta eleição merece, e que lhe têm conservado no exercício do cargo que ainda ocupa.

(Ibid.)

Qual panorama se descortina ante nossos olhos? O próprio Willermoz relatará a Charles de Hesse quinze anos mais tarde:

Podemos ver vários sistemas muito diferentes que possuem múltiplas analogias entre suas finalidades ou meios. Aqui somente mencionarei aquelas que podem conduzir a alguns conhecimentos das ciências naturais, e em absoluto nada direi a respeito daquelas que não têm nenhuma relação direta com estas ciências. Assim mesmo, não quero fazer nenhuma menção à ciência da evocação de espíritos que alguns, sobretudo na Alemanha, têm aplicado na Maçonaria, pois o que há de bom nesta ciência pertence a uma classe mais elevada, e o que se encontra de mal deveria ser para sempre ignorado; somente citarei os principais deste gênero que têm chegado a meu conhecimento.

Uns pretendem que a Maçonaria ensine Alquimia, ou a arte mercurial de fabricar a Pedra Filosofal, e quereriam ver as lojas mobiliadas com fornos e alambiques.

Outros, desaprovando a arte mecânica dos sopradores e igualmente o ouro que buscam com tanto ardor, dão um sentido mais elevado à Ciência Hermética e parecem empregar outros meios para lograrem realizar suas obras. Efetivamente, esperam que, reencontrando a palavra perdida que os maçons buscam, obter-se-ia uma panacéia universal por meio da qual curar-se-iam todas as enfermidades humanas prolongando, assim, a duração normal da vida. Outros, finalmente, alçando um vôo mais elevado, pretendem que seja ensinada aos verdadeiros maçons a arte única ou a ciência da Grande Obra por excelência, através da qual o homem que adquire a sabedoria opera em si mesmo o verdadeiro Cristianismo praticado nos primeiros séculos da era Cristã, se regenerando corporalmente e renascendo pela água e pelo espírito segundo o conselho que foi dado a Nicodemus, o qual se assustou. Este sistema assegura conhecer a verdadeira matéria da Obra, assim como os verdadeiros vasos, forno e fogo da natureza pelos quais opera. Assegura que, por meio da conjunção do Sol e da Lua, e pela prática exata do que está indicado emblematicamente nos três graus simbólicos, se produzirá um filho filosófico em virtude do qual o possuidor também prolongará seus dias, curará as enfermidades e espiritualizará, por assim dizer, seu corpo, desde que tenha a coragem e a confiança suficientes como se fosse buscar a vida nos braços da morte. Aqui me deterei; estes sistemas, sobretudo os últimos, abarcam o que todos os demais somente indicam de forma parcial”.

(Carta a Charles de Hesse, em 8 de Julho de 1781)¹³

São tantas Maçonarias que Willermoz sente, sem ainda saber o porquê, que são inferiores e enganadoras, que mais tarde classificará como “apócrifas”. Prossegue mesmo assim em sua busca de uma Maçonaria superior e autêntica, da qual pressente sua existência. Reúne, coleciona, experimenta os graus, elabora-os ele mesmo. Tal parece ser o caso do grau Rosa+Cruz, último grau (os ingleses o qualificam, inclusive em nossos dias, de *nec plus ultra*) de um sistema em 25 graus praticado em Lyon ao longo do ano de 1765, no qual se converteria no Rito de Perfeição e futuro grau XVIII do Rito Escocês Antigo e Aceito. Alice Joly, e depois dela, Paul Naudon, afirmam que foi Willermoz quem fez o necessário para levá-lo a cabo. Naudon não é, certamente, sempre confiável (ainda que seja um bom investigador, equivoca-se freqüentemente em suas interpretações e deduções), mas A. C. Jackson, o melhor conhecedor inglês da questão, adota esta mesma tese. Se tal prerrogativa for mantida, este grau Rosa+Cruz seria o primeiro legado maçônico de Willermoz. E que legado! Em sua versão original, ainda em vigor na Inglaterra, é, propriamente falando,

¹³ Gustave Bord, em sua obra *La Franc-Maçonnerie en France des origines à 1815*, Tomo 1 (o único surgido em 1908, e reeditado por Slatkine, 1985), cita um documento datado de 1746, intitulado *Instructions générales sur le sublime grade de Chevalier de l'Aigle ou du Pélican, Souverain Prince Rose-Croix d'Hérédome, Parfait Maçon libre*. Trata-se de um exame crítico do sistema de 25 graus em uso na época, na qual os graus alquímicos dão lugar a uma apreciação tão severa como a de Willermoz. Citemos dois extratos:

“Sublime Filósofo – O ouro, este metal fluente de tantos crimes e horrores, do qual deveríamos passar longe, é o ídolo que buscamos com a maior solicitude. O Sublime Filósofo, título sublime e que somente corresponde àquele que o é e não a um homem cuja ocupação seja absolutamente contrária; título que não deve ser concedido senão àquele que tenha a virtude por princípio, que a pratica e que por meio dela saiba fazer-se ditoso. O Sublime Filósofo, salientamos, ocupa seu tempo no estudo da riqueza desta quimera, e pretende, por suas descobertas, igualar a ciência do criador e do autor se seu ser”.

“Cavaleiros do Sol e da Fênix – Estes graus são uma mescla de religião, de mercúrio, de enxofre e de outros ingredientes que entram na composição deste precioso metal que Hir., assim como Sal. possuíam, mas que foi perdido e que somente se encontra em alguns dos descendentes destes famosos alquimistas ou de seus discípulos. Buscarão neste grau a virtude e o repouso após o imenso trabalho que exige esta obra, cujo segredo não foi encontrado e que não se encontrará tão facilmente. Este grau acarreta relaxamentos (sic) que provocam, aos quais o praticam, o sentimento de vanglória de poder encontrar o segredo. Poder-se-ia perdoar tais intentos caso se tratasse de homens loucos ou insensatos. Porém, para que homens responsáveis se consagrem e se entreguem a um tipo de trabalho deste tipo sem a menor noção de química e sem o menor conhecimento físico das outras ciências necessárias para levá-lo a cabo, é melhor que sejam internados em um centro para tratamento da saúde mental, pois estão absolutamente desprovidos de sentido (...).(Bord, obra citada, anexo VI, pág. 535). (...).

esplêndida (ainda que, desafortunadamente, não seja sempre assim em sua versão atualmente praticada na França, degenerada e desvirtuada).

É durante o curso desta investigação que Willermoz toma seu primeiro contato com a legenda templária, através de duas cartas que recebera de um irmão de Metz, Meunier de Précourt. Eis abaixo as passagens mais significativas:

“Sim, meu M.Q.H., tocaste no ponto exato, descendes destes famosos e desafortunados templários; mas é necessário distingui-los daqueles que a inveja, a avareza e o orgulho tratam de fazer parecer como criminosos aos olhos das nações da terra. Contemple-os como pessoas, que instruídas por grandes mestres, conheceram o segredo da Grande Obra, e lograram por este meio imensas riquezas que foram a causa da destruição de sua Ordem”.

(Carta de 22 de Abril de 1762)

E pretendo fazê-los ver que os Cavaleiros Rosa+Cruzes, que apareceram no norte em 1414, nada mais são do que os templários que, possuidores de seu grande segredo, ainda subsistem na maior parte da Alemanha, e que têm-no comunicado a alguns membros da Ordem Teutônica”.

(Ibid.)

“Pergunta: Qual é o objetivo da Maçonaria? Resposta: o de apresentar ao Concílio ecumênico as provas irrefutáveis das caluniosas imputações feitas à primeira Ordem do Templo, mostrar o suborno dos testemunhos, os motivos que Felipe, o Belo, e Clemente V apresentaram para autuar e conseguir reabilitar sua memória e reclamar seus bens confiscados pela Ordem de Malta (...)”.

(Carta de 13 de Setembro de 1762)

Não obstante, tudo isso deve ter-lhe parecido algo de pouco valor, tal como mais tarde testemunhou... E esta investigação obstinada prosseguiu até...

2 - A DESCOBERTA DA VERDADE 1767-1774

Esta descoberta teve lugar ao se deparar com a “Ordem dos Cavaleiros Maçons Eleitos Cohens do Universo”, de Martinez de Pasqually, na qual foi recebido entre 1767 e 1768, e logo progrediu. Encontrou finalmente a revelação à qual aspirava desde os primórdios de suas profundas investigações, revelação esta que, coroando seus esforços, propiciou-lhe a confirmação de que havia tido razão em perseverar em sua busca. Desde então comunica aos demais maçons as “luzes com as quais havia sido agraciado”. Este é o sentido de sua obra maçônica.

Willermoz relata poucos anos depois este seu encontro e descoberta, e em quais termos ocorrera:

“Certas felizes circunstâncias durante minhas viagens me propiciaram a oportunidade de ser admitido em uma sociedade bem estruturada e não muito numerosa, cujo objetivo me seduziu, uma vez que me foram apresentadas exteriormente as regras ordinárias. Desde então todos os sistemas restantes que conhecia (pois não posso julgar os quais desconheço) me pareceram fúteis e repulsivos. Este é o único no qual encontrei a paz interior da alma, a maior vantagem da humanidade relativa a seu ser e ao seu princípio. Tenho a satisfação de poder vislumbrar o mesmo saborear desta doçura pelos poucos discípulos que me fora permitido admitir ao longo de cinco ou seis anos, sob a direção de meus chefes particulares. Com eles cultivo em silêncio as instruções que recebi, e em conjunto julgamos os emblemas que as lojas simbólicas nos apresentam, sob um ponto de vista bem distinto do comumente aceito pelos maçons”.

(Carta ao barão de Landsperg, em 25 de Novembro de 1772)

Ou em outra carta:

“Em uma de minhas viagens, em 1767, tive a sorte de ser admitida em uma sociedade maçônica pouco conhecida e bem estruturada. O assunto mais sublime do qual ela se ocupa e a verdade da qual não se pode duvidar, quando se alcança o último grau, exige a maior circunspeção e traz consigo expectativas muito grandes. Tendo a vantagem de ser conhecido desde muito tempo por seus chefes, os quais me têm em consideração, flexibilizaram as formalidades ordinárias a meu favor. Seu desejo de me preparar para formar um estabelecimento em Lyon e de instruir aqueles que eu cresse dignos fizera que eu avançasse rapidamente. A cada ano recebi novas luzes, e ao terceiro ano fui conduzido ao termo final. Esta classe de maçons que recebem o título de Filósofos, porém em um gênero de filosofia bem distinta da qual fiz tantos progressos, está dividida em 7 graus, na qual todos os graus maçônicos normalmente conhecidos formam a parte simbólica. De todos os conhecimentos que pude adquirir até o presente momento, posso dizer que esta sociedade maçônica é a que me pareceu ser a mais satisfatória e a mais adequada para ser dirigida ao homem de bem”.

(Carta ao barão de Hund, 14-18 de Dezembro de 1772)

É com a doutrina de Martinez de Pasqually, ensinada no seio de sua Ordem, que a Maçonaria encontra sua verdadeira natureza. Esta natureza seria assim definida por Joseph de Maistre, dez anos mais tarde em suas memórias anteriormente citadas: “O grande objetivo da Maçonaria será a ciência do homem” (pág. 97).

O QUE ISTO SIGNIFICA?

Que a Maçonaria dispensa a seus adeptos uma ciência do homem e do universo, que forçosamente deve derivar do conhecimento e da ação divina em um e em outro, como escreverá Jean Baptiste Willermoz: “Salomão e os fundadores da Maçonaria primitiva não tiveram outro objetivo senão o de conduzir os iniciados ao conhecimento do homem, do universo temporal e dos agentes espirituais que devem exercer sua ação, por decisão do Criador, até o fim dos tempos” (Instrução secreta aos Grandes Professos).

Sebastian Mercier, em sua *Tableau de Paris* (publicada entre 1781 e 1790 em doze volumes), fornece um bom resumo da doutrina de Martinez de Pasqually:

A base do sistema reside no fato de que o homem é um ser degenerado, castigado em seu corpo material por suas faltas anteriores, mas que, por meio do raio divino que leva incorporado, pode ser ainda conduzido a um estado de grandeza, de força e de luz. Um mundo invisível, um mundo de espíritos nos rodeia; o homem poderia ter-se comunicado com eles, e por meio deste intercâmbio ampliar a esfera de seus conhecimentos, se sua má intenção e seus vícios não lhe tivessem feito perder este importante segredo. O homem perdeu a permanência na glória, na qual não retornará a adentrar até que saiba conhecer este centro fecundo onde reside a verdade, que é una e indivisível.

Para entrar mais em detalhes, ainda que apenas de forma sumária, podemos dizer que esta doutrina é de natureza cabalística. Provém da “Cabala Cristã” (seria mais adequado dizer: judaico-cristã), da qual Pico della Mirandola fora o primeiro e um de seus mais ilustres representantes. Martinez de Pasqually, de fato, era “ao mesmo tempo judeu e cristão”, segundo a expressão de Franz Von Baader em “*Les Enseignements secrets de Martinez de Pasqually*”; Guénon acredita que ele poderia ter tido origem sefaradí. Como tal, esta doutrina é absolutamente tradicional. Aproxima-se muito, por exemplo, à de Reuchlin exposta em sua “*De Arte Cabalística*” (1557). Possui as características

habituais de toda a Cabala: exegese simbólica e esotérica da Bíblia, numerologia, cosmogonia e androgonia, angelologia, teosofia, assuntos todos estes que, por outro lado, não são somente de ordem especulativa e conceitual, mas que apresentam rituais invocatórios como base, quer dizer, rituais cujas operações consistem em invocações de certos Nomes. É isto o que se subentende, propriamente falando, por práticas “cabalísticas”, ainda que também seja correto dizer que os cabalistas não são unicamente ou, ao menos essencialmente, sábios na teoria. No que se refere ao sistema elaborado por Martinez de Pasqually, é o primeiro sistema maçônico cuja substância iniciática e, por conseqüência, o ritual iniciático, está inteiramente fundamentado sobre:

- 1) a queda do homem de seu estado original glorioso, e
- 2) seu retorno, sua reintegração por meio da iniciação a este estado primitivo, iniciação esta que, para poder ser operada, exige a intercessão e a ação do “Grande Reparador”, que é o Cristo.

Temos, pois, uma relação com um tema fundamentalmente cristão, de uma perfeita ortodoxia. Expresso em termos patrísticos é uma relação de imagem e semelhança: a perda e logo a restituição, no homem, da semelhança à imagem que perdura inalterável. O mesmo é expresso pela primeira divisa do primeiro grau do Regime Escocês Retificado: “o homem é a imagem imortal de Deus; porém, quem poderá reconhecer a beleza desta imagem, se ele mesmo a desfigura?”.

O objetivo da iniciação é, pois, o retorno da deformidade à conformidade, do estado caído ao estado anterior à queda. Isto está claramente indicado no título do Tratado no qual Martinez havia iniciado (já que a obra permanece inacabada) a exposição de sua obra, título este que se lê integralmente: “Tratado da Reintegração dos Seres criados em suas primitivas propriedades, virtudes e poderes espirituais e divinos”. E a famosa definição que Saint-Martin dá a respeito da iniciação em sua “Tableau des rapports qui existent entre Dieu, l'homme et l'univers” (Quadro das relações existentes entre Deus, o homem e o universo), diz exatamente o mesmo: “A palavra ‘iniciar’, em sua etimologia, quer dizer aproximar, unir ao princípio; a palavra *initium* significando tanto princípio quanto começo. E, desde então, nada é mais comum à todas as verdades que o costume das iniciações em todos os povos, nada mais apropriado à situação e à esperança do homem que a fonte de onde descendem todas as iniciações, cujo objetivo ao qual se propõe em todas as partes é: anular a distância existente entre a luz e o homem, o de aproximá-lo a seu princípio, restabelecendo-lhe ao mesmo estado em que se encontrava no começo”.

À partir deste momento e já plenamente convencido, Willermoz começou então a trabalhar. Entretanto, tal trabalho não prosseguiu sem dificuldades já que Martinez, devido à sua personalidade complexa e ambígua, freqüentemente demorava em enviar os cadernos dos graus, as instruções de trabalho, e paralelamente multiplicava suas demandas por dinheiro. Willermoz foi se irritando paulatinamente com este comportamento; entretanto, assim como Saint-Martin, não perdeu a fé na autenticidade da mensagem e na doutrina de Martinez, a despeito de suas debilidades. Sábia distinção, na qual deveríamos nos inspirar sempre!

Assim, por exemplo, de 1774 a 1776 ocorreu em Lyon as “Conferências dos Eleitos Cohen” (das quais Antoine Faivre publicou as atas), organizadas quiçá por Willermoz, as quais também contou com a participação de Saint-Martin. Tais conferências eram uma espécie de “repetições” do “Tratado da Reintegração”, no qual constavam explicações e desenvolvimentos de alguns pontos da doutrina que haviam ficado um tanto obscuros em razão da partida do mestre a Santo Domingo em 1772, bem como sua posterior morte em 1774. Em 1822, então com 92 anos, Willermoz aconselhará a seu antigo discípulo, Jean de Turkheim, fazer do “Tratado da Reintegração” seu livro de cabeceira, a ponto de recomendar sua leitura três vezes mais se assim fosse necessário, de modo então a impregnar-se a fundo de seu conteúdo antes de empreender o menor trabalho de análise intelectual e, como ele dizia, “de explicações verbais”; era preciso senti-lo com o coração antes de

compreendê-lo com o espírito. Nota-se, com isso, que tais conselhos nasceram de uma experiência realmente vivenciada...

Entretanto, um sério problema se apresentava. Para compartilhar a verdade e comunicar a luz faz-se necessária a existência de um auditório, de um público. Sob este ponto de vista, as tentativas de Martinez configuraram um autêntico fiasco. O sistema maçônico que ele havia se esforçado para implementar na França desde 1754 continuava sendo, vinte anos mais tarde, um pouco mais que marginal. Em 1767 contava somente com dois “templos”, ao passo que, em 1772, com apenas oito.

Certamente, é preciso levar em consideração os sobressaltos que haviam afetado a vida maçônica da França nesta época. Como conseqüência das desordens e das violências que fizeram da assembléia anual da Grande Loja em 1767 um objeto de riso e escândalo, o Grão-Mestre, Conde de Clermont, havia suspenso todas as reuniões maçônicas, situação esta que perdurou até o ano de sua morte, em 1772. Visto sob outro prisma, porém, tal situação pode ter sido profícua para os Eleitos Cohen, que assim puderam se reunir sem ter de prestar contas a ninguém e também se dedicar tranqüilamente a seus trabalhos doutrinários e teúrgicos.

Na realidade, a verdadeira dificuldade era devida não somente à heterogeneidade radical da doutrina de Martinez, propriamente esotérica em comparação às características, descritas anteriormente, da Maçonaria de seu tempo, mas também é digno de nota sua intransigência ao contemplar sua Maçonaria como a única autêntica. Era mais próxima, por assim dizer, a uma pseudo ou uma cripto-Maçonaria, ou quiçá melhor ainda, se nos é permitida a expressão, a uma “Maçonaria além da Maçonaria”.

Eis que então ocorrem dois episódios providenciais. O primeiro – cinicamente falando – é o afastamento e posterior desaparecimento do Mestre, que deixa assim o campo livre a seus discípulos, permitindo-lhes efetuar a aproximação a outras formas maçônicas (o que a presença física de Martinez houvera impedido). O segundo se refere ao encontro de Willermoz com um sistema maçônico que era desconhecido na França até o presente momento, mas que gozava de muito prestígio na Alemanha: a Estrita Observância ou Maçonaria Retificada. Este encontro vai revestir a doutrina martinezista com a forma maçônica que lhe faltava.

3 - A ENCARNAÇÃO (OU APLICAÇÃO PRÁTICA) DA VERDADE 1774-1782

Tudo começou com um mal-entendido, e por conseqüência de um primeiro contato por intermediação e iniciativa de uma loja de Estrasburgo, a de Candor, em 1772, seguido de um intercâmbio de cartas com o barão Weiler, emissário do barão de Hund. Solicitado a esclarecer os objetivos aos quais este último se devotava, Weiler respondeu, entre outras coisas:

“Posso assegurar-lhe que não nos entretemos em charlatanices, pois temos como objetivo, na medida de nossas possibilidades e se os tempos modernos assim permitirem, de restabelecer a Ordem a seu estado primordial, do qual temos sua verdadeira e legítima história. Assim, pois, compreenderá perfeitamente que, sendo este um assunto sério, todos os nossos trabalhos devem estar, por conseguinte, isentos de toda frivolidade”.

(Carta do barão Weiler de 18 de Março de 1773)

“Restabelecer a Ordem a seu estado primordial”: no espírito dos membros da Estrita Observância Templária encontrava-se o desejo de restabelecer a Ordem do Templo. Porém, Willermoz entendeu esta formulação em um sentido totalmente diferente: imaginou que tratavam de restaurar a Maçonaria a seu estado primitivo, ou seja, aquele anteriormente existente à degeneração que havia ocorrido na França e em todas as outras localidades que pode investigar. A confusão fica evidente

por meio da carta antes endereçada a Hund e à qual é respondida por Weiler, mesmo que marginalmente:

“Entretanto, estou plenamente convencido de que a Maçonaria simbólica, reduzida a sua simplicidade inicial, é uma verdadeira escola de virtudes, de tal modo que muito se quis estendê-la a diferentes sistemas, que lhe adotaram e acabaram desfigurando, em alguns casos, a sua própria essência. O que se passou pode vir a ocorrer novamente nos séculos vindouros, dependendo do ponto de vista daqueles que quiserem fazer uso dela; entretanto, ninguém pode se certificar, por meio das investigações mais precisas sobre nossa origem – cuja história se perde na noite dos tempos –, sobre qual é o objetivo que essencialmente possa ser considerado como propriamente seu desde seu estabelecimento. Estou interessado em conhecer, se possível em toda sua extensão, aquilo que as Respeitáveis Lojas da Alemanha tem adotado nestes últimos tempos, convencido como estou de que tudo o que é bom e útil em si mesmo, ainda que em gêneros diferentes, pode muito bem aliar-se conjuntamente”.

(Carta ao barão de Hund, 14-18 de Dezembro de 1772)

Este mal-entendido é fundamental: para Hund e seus seguidores, a Maçonaria vela a Ordem do Templo; para Willermoz e seu grupo, a Maçonaria é mais antiga e mais essencial que a Ordem do Templo, tendo sido transmitida, por algum tempo, por meio desta última.

Apesar disto, a “retificação” dos Irmãos interessados, quer dizer, sua adesão à Estrita Observância Templária, também chamada Maçonaria Retificada ou Reformada de Dresden, ou ainda, Reforma de Dresden, foi levada a cabo em 1773 para os Irmãos de Estrasburgo e em 1774 para os de Lyon e os de Bordeaux.

Que grande e repentina decepção para Willermoz, que se dá conta que o grande segredo, a palavra final da história, era que os Templários estavam se perpetuando sob a cobertura da Maçonaria! “Revelação” que não somente conhecia, como também vinha ensinando desde muito tempo. Eis o que deveria relatar perante a convenção de Wilhelmsbad em 29 de Julho de 1782:

“Desde o ano de 1752, ou seja, há 30 anos, tendo sido eleito para presidir a loja que me havia recebido e não tendo nenhuma conexão nem com o saudoso Reverendo Irmão ab Ense (isto é, Hund), nem com nenhum dos partidários de seu sistema, me dei conta de que aqueles aos quais conferia o 4º grau da loja se convertiam misteriosamente em sucessores dos Cavaleiros Templários e de seus conhecimentos; assim repito e tenho repetido durante 10 anos como havia aprendido de meu predecessor que, por sua vez, aprendeu de uma antiga tradição cuja origem me era desconhecida”.

Havia razões para que Willermoz “ficasse pasmo” vendo-se levado quase a seu ponto de partida – recordemos-nos das cartas de Meunier de Précourt. É a mesma expressão que emprega quando, narrando seu contratempo em uma carta a Charles de Hesse datada de 12 de Outubro de 1781, diz que tendo submetido Weiler a um interrogatório um tanto rigoroso, ficou pasmo ao comprovar a profunda ignorância deste sobre os assuntos essenciais e sua pouca disposição em adquiri-la. Ademais, ao autenticar os cadernos dos graus da Estrita Observância, não encontrou “nada além de um sistema sem bases e sem provas”, o que acabou por desagradá-lo totalmente.

Mesmo assim, não há sombra de dúvidas que compartilhava, ainda que não tivessem expresso de uma maneira tão radical – mantiveram contato, senão pessoalmente, mas certamente por escrito – a opinião que Joseph de Maistre expunha nesta mesma época em suas memórias ao Duque de Brunswick:

“Desde alguns anos atrás se têm tratado de nos mostrar as vicissitudes da Ordem dos Templários sob a aparência de alegorias maçônicas (...). Se nossas cerimônias são realmente o emblema das vicissitudes dos Templários, não nos resta outra saída senão deplorar ter-se tornado maçons já que, neste caso, temos empregado nosso tempo e nossas faculdades de maneira muito pouco filosófica (...). Falando sem rodeios, o que importa ao universo a destruição da Ordem dos Templários? O fanatismo os criou, a avaria os aboliu, e isto é tudo”. (Memórias, pp. 82).

Mais adiante, diz:

“Parece-me, pois, que tudo nos impele a fazer um divórcio completo com a Ordem dos Templários (...). Em uma palavra, se a Maçonaria não é outra coisa senão o emblema dos Templários, então não é nada, e há que se trabalhar sobre um novo plano. Em contrapartida, se for mais antiga, eis uma razão para que os homens renunciem a fórmulas vãs e deixem as palavras pelos fatos”. (Ibid. pp. 87).

“O que fazer?”, se perguntava Willermoz. Dizíamos anteriormente que se viu levado ao ponto de partida. Isto não é inteiramente certo. Ele possui agora dois elementos de valor: uma forma nobre, bela, e inclusive suntuosa, prestigiosa, atraente; e uma doutrina da qual tem a certeza de ser verdadeira. Pois bem, ele vai ajustar estes dois elementos e reuni-los em um só, e é precisamente neste feito que consiste sua obra. Vai extrair do sistema de Martinez de Pasqually, a Ordem dos Eleitos Cohen – sem, por outro lado, em nada alterá-la – o tesouro que em si encerra: sua doutrina, e infundi-la, incorporá-la a esta forma inerte, a este corpo sem espírito que consiste a Estrita Observância, após havê-la previamente despojado de sua embaraçosa clausura templária. Em suma, vai “destemplarizar” a Estrita Observância para torná-la martinista, cujo resultado será o Regime Escocês Retificado.

Esta mutação não escapa inteiramente aos observadores atentos, sobretudo quando a malevolência afia sua agudeza de espírito, conforme veremos a seguir. Trata-se do autor anônimo que anteriormente citamos em sua apreciação a respeito das “doçuras” e “prazeres picantes” das cerimônias que ele apresenta como sendo copiadas dos “companheiros do dever”. Ao longo de seu texto revisa os desvios de que a Maçonaria havia sido vítima, e o faz nos seguintes termos: “Alguns partidários do pretendente ao trono da Inglaterra imaginaram que poderiam tomar partido da fraternidade, de modo a assim poder reunir secretamente recursos e colaboradores para a restauração de seu mestre ao trono de seus pais (...). Por volta do ano de 1740 chegaram ainda mais longe ao congregar numerosos partidários por meio do desencadear simultâneo de diferentes paixões; ademais, propagaram com incrível frenesi a idéia de que a Maçonaria seria o berço do restabelecimento dos Templários (...). Entretanto, como todas as instituições humanas são efêmeras, os integrantes logo tiveram necessidade de avivar o já relaxado entusiasmo; sentiam falta de algo novo, e rapidamente incluíram ao escopo da Maçonaria o atraente e enganoso chamariz da Ciência Hermética ou, melhor ainda, da Alquimia. Isto se dá, sobretudo em 1756, quando a temática do maçom soprando o fogareiro do atamor esteve em seu auge. Em 1764, homens interessados e astutos voltaram a difundir o sistema fantástico e quase desacreditado dos Maçons Templários; porém, graças à experiência do passado, conferiram maiores atrativos à sua renovação mediante a introdução de formas mais metódicas, mais brilhantes de conferir privilégios, sobretudo por meio de compensações mais ou menos favoráveis e por incutir ilimitadas esperanças. Por mais brilhante que fosse o êxito logrado por este regime de orgulho e cobiça, em um intervalo de 15 anos se viu seu nascimento, seu desenvolvimento e sua decadência. Com isso, em pouco tempo entraram em cena charlatões e impostores, fazendo uma revolução na Maçonaria ao supô-la como sendo o objetivo secreto de distintos ramos das Ciências Ocultas. Alguns irmãos, talvez mais ativos do que prudentes, imbuídos por idéias científicas, místicas, etc, levaram ao cúmulo as incertezas de maçons observadores por causa dos princípios que quiseram incorporar à Maçonaria como por exemplo, os

apresentados durante a assembléia geral do Regime da Estrita Observância ocorrida em Wilhelmsbad em 1782”.

Como podemos ver ninguém escapou aos dardos desta desapiedada polêmica, tão devastadora que seu autor aponta e faz seu conjunto como alvo.

Independentemente deste quadro, Willermoz se propõe a trabalhar e para isto conta com alguns colaboradores escolhidos, entre os quais figuram dois irmãos de Estrasburgo, Rodolphe Saltzmann e Jean de Turckheim. Este trabalho foi realizado sobre três frentes a serem focadas simultaneamente:

- 1) Elaborar um método de exposição, de ensino e de transmissão tanto intelectual quanto ritualístico dentro dos moldes da “verdadeira ciência maçônica”, ou seja, a doutrina de Martinez de Pasqually;
- 2) Remodelar a estrutura e os rituais dos graus de modo que estes se convertessem nos sustentáculos apropriados a esta transmissão, e
- 3) Por um lado, impedir o acesso de falsas pistas que pudessem confundir os investigadores, como por exemplo a filiação templária ou as investigações alquímicas; e, por outro lado, manter abertas as vias de acesso que permitissem a irmãos provenientes de outros sistemas maçônicos, principalmente franceses e alemães, a um dia agruparem-se e “reunirem-se” na Maçonaria Retificada (não duvidemos que as lojas do sistema se intitulavam “lojas reunidas e retificadas”). Manter-se-iam algumas similitudes formais, de modo a “levar a cabo uma reunião geral de todos os ritos e sistemas maçônicos”, e “estabelecer a Ordem, rápida e sucessivamente, em somente um único Regime”. Assim, ao restaurar a verdadeira Maçonaria primitiva, o Regime Retificado poderia converter-se no centro da União, que é a razão de ser de uma Maçonaria autêntica.

Sob este aspecto pode-se dizer que o regime é dotado de uma estrutura centrípeta: a partir de formas periféricas pouco diferenciadas das formas maçônicas contemporâneas (rito francês ou graus escoceses), o caráter específico é revelado cada vez mais à medida em que se penetra no seu interior e quando se progride em direção ao centro, onde os ensinamentos dispensados tornam-se mais explícitos e espiritualmente operativos.

Esta obra recebeu sua sanção oficial em duas etapas: no âmbito nacional por meio da convenção da Gália, em Lyon (Novembro-Dezembro de 1778), e no âmbito internacional por meio da convenção de Wilhelmsbad, na Alemanha (Agosto-Setembro de 1782).

O REGIME ESCOCÊS RETIFICADO

Tal arquitetura concêntrica do Regime Retificado se apresenta da seguinte maneira em sua forma completa:

- 1) A classe simbólica ou Ordem Maçônica (em seus escritos posteriores, Willermoz emprega exclusivamente a primeira denominação) com os quatro graus de Aprendiz, Companheiro, Mestre e Mestre Escocês, que se comporá a partir da convenção da Gália.
- 2) A Ordem Interior com seus dois graus de Noviço e Cavaleiro.

Estas duas primeiras classes compõem as “classes ostensivas” do Regime.

Segue como continuação:

3) A dupla classe secreta que “somente será conhecida pelos que a compõem”, a do Professo e Grande Professo.

Finalmente, deixamos o regime retificado propriamente dito:

4) O nec plus ultra, sepultado sob o véu de um denso mistério, a Ordem dos Cavaleiros Maçons Eleitos Cohen do Universo com seus sete graus. Aqui encontramos-nos, em outras palavras, ante uma seqüência: iniciação de ofício – iniciação cavalheiresca – iniciação sacerdotal. Como tal, não é seguramente nem mais legítima, nem mais incongruente que a seqüência equivalente encontrada no sistema inglês: Lojas simbólicas e Arco Real – Templar Knights – Templar Knights Priests.

Nesta série é necessário fazer uma distinção entre a Ordem dos Eleitos Cohen e as demais. Esta última é a obra de Martinez de Pasqually, e somente dele. Willermoz, que profundamente a reverencia e respeita, de forma alguma tenciona tocá-la, alterá-la. Situando esta Ordem no coração de seu próprio sistema, mantém sua existência em absoluto sigilo e não levanta o véu desta discricção senão em favor de alguns confidentes escolhidos a dedo. Há de se ter em mente o fato de mesmo estando no centro da Ordem Retificada, a Ordem Cohen não é a Ordem Retificada: passando de uma a outra, muda-se literalmente de mundo. Não pertence, pois, a nosso estudo, e nada mais diremos a respeito dela.

Todo o resto, quer dizer, os quatro graus simbólicos, os graus da Ordem interior e os das classes dos Professos, consiste verdadeiramente na obra de Willermoz, sendo seu inspirador e autor principal.

Uma coisa interessante a ser dita de passagem é o fato de que Willermoz gostava deste tipo de arquitetura concêntrica, visto que já havia colocado em prática um anteprojeto que, em sua carta de apresentação a Hund, da qual temos apresentado vários trechos, assim descrevia:

“Pela exposição que realizei podeis ver que existem em Lyon três classes maçônicas de diferentes espécies, independentemente das lojas particulares. A primeira é a Grande Loja dos Mestres, inspetora dos trabalhos das lojas particulares, que abrange até o grau de Cavaleiro do Oriente. É presidida pelo R. H. Gaspard Sellonf, antigo e excelente maçom. A segunda corresponde ao capítulo dos Cavaleiros da Águia Negra, Rosa+Cruz, do Sol, etc, presidida pelo R. H. Jacques Willermoz, médico, o qual não pode estar em nenhuma loja em função de sua excessiva ocupação com os deveres de sua profissão, limitando-se a visitá-las somente quando suas atribuições assim o permitem. A terceira e menos numerosa corresponde ao Templo dos Eleitos Cohen, a qual tenho a satisfação de presidir. Esta última exige uma maior circunspeção devido a sublimidade de seus objetivos, escolhendo entre todas as demais classes que lhe servem de escola os indivíduos que lhe parecem mais apropriados. A segunda escolhe os seus integrantes dentre os membros da primeira e dentro também das lojas particulares cujos Veneráveis fazem parte da Grande Loja dos Mestres. Esta progressão que aqui estabeleço tem como finalidade oferecer-vos suficientes argumentos de modo a poderem indicar-me os caminhos que vos agradem prescrever-me”.

(Carta ao barão de Hund, 14-18 de Dezembro de 1772)

É melhor, porém, deixar que Willermoz apresente seu sistema por ele mesmo. É o que deveria fazer na convenção de Wilhelmsbad em sua sessão de 29 de Julho de 1782. Concedamos-lhe, pois, a palavra:

A PRIMEIRA CLASSE OU ORDEM MAÇÔNICA:

A província de Auvernia propõe que o futuro Regime esteja dividido em três classes distintas, das quais duas seriam ostensivas do Regime, e a outra somente seria conhecida por aqueles que a

compusessem. Por um lado, objetiva-se que assim não seja provocada nenhuma inveja e, por outro lado, não esteja exposta a petições inoportunas. Segundo este plano cada uma das classes teria o número e a espécie de graus relativos a seu objetivo particular. A primeira classe dita simbólica, ficaria composta dos três graus fundamentais de Aprendiz, Companheiro e Mestre, além de um quarto grau, simples ou composto sob a denominação de Escocês. Este grau, ainda que sendo simbólico, começará a desenvolver um pouco o sentido particular para cada um dos três primeiros, conforme o que seja acordado. Esta classe constituirá a Ordem Maçônica e estará regida pela segunda, já que a terceira ou última não deverá ter nenhuma participação ou influência particular na administração do Regime.

A primeira terá como único objetivo o estudo e a prática das virtudes morais, sociais, religiosas e patrióticas em conjunto com uma ativa beneficência que seja útil à Ordem, às diversas sociedades e aos indivíduos que a compõem, e mesmo à humanidade em geral; isto, sem proibir em absoluto aos indivíduos das Lojas ou sociedades que tenham a aptidão e a oportunidade de penetrarem no sentido mais elevado dos símbolos e emblemas maçônicos, a faculdade de alcançar as luzes neste aspecto, sem que estes estejam obrigados a comunicá-las à Loja ou ao Capítulo aquelas que possam ter adquirido.

(O “sentido particular” do qual se faz menção corresponde à doutrina martinezista, progressivamente desvelada de grau em grau até a obtenção da faculdade de “penetrar no sentido mais elevado dos símbolos e emblemas maçônicos”, faculdade esta que não se adquire nas Lojas ou Capítulos, mas mais adiante).

A SEGUNDA CLASSE OU ORDEM INTERIOR:

“A segunda classe será o termo final reconhecido da Maçonaria, e constituirá a Ordem Interior à qual será confiada a administração do Regime. Conservará uma Ordem de Cavalaria sob o título de Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa, e terá um cerimonial particular análogo a esta denominação, o que assim estabelecerá ou conservará uma conexão com a antiga Ordem dos Templários. Assim, serão ou sucessores dos templários (não de suas posses, mas sim de seus conhecimentos), ou seus predecessores: isto, pois esta conexão pode ser analisada sob este duplo aspecto, uma vez que os Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa, pobres e existindo por sua própria vontade precederam, na mesma Ordem, os Cavaleiros Templários, convertidos em ricos e poderosos. É esta Ordem rica e poderosa que fora extinta, e não a primitiva Ordem, pobre e sem apoio”. (...). “A Ordem Interior terá dois graus: o de noviciado e o da Cavalaria. Será regida e administrada aproximadamente como se dá hoje em dia em nosso sistema, salvo as modificações que sejam julgadas convenientes pela convenção; e, no caso em que o plano lhe pareça adequado, quando lhe aprover submeterei a seu exame uma fórmula de noviciado que a Província de Auvèrnia fez ser redigida para nela ser apresentada. Deve ser observado de passagem que todos nós professamos o Cristianismo, enquanto que a Maçonaria simbólica está totalmente fundamentada sobre o Antigo Testamento, e que esta nova fórmula estabelece uma transição natural da Antiga Lei à Lei de Graça sob a qual trabalhamos”.

A TERCEIRA E ÚLTIMA CLASSE:

Esta terceira classe é o de Grande Professo, que coroa todo o conjunto e onde se encontra desvelado o objeto real da autêntica iniciação. Sobre ela Willermoz se expressa com reticências devido a razões que analisamos em outra parte (consultar a bibliografia). Portanto, eis aqui a pedra angular do conjunto – e também sua pedra de toque – que cada um deve julgar segundo seu próprio critério:

O artigo primeiro do Grande Professo dispõe do seguinte:

“Artigo primeiro: O Grande Professo da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa é o ato graças ao qual os cavaleiros e irmãos das classes inferiores da mesma Ordem, que após as provas requeridas são considerados dignos dela, são iniciados no conhecimento dos mistérios da antiga e primitiva Maçonaria, estando reconhecidamente preparados para receber a explicação e o desenvolvimento final dos emblemas, símbolos e alegorias maçônicas”.

Por outro lado, em uma carta a Saltzmann trinta anos mais tarde (Maio de 1812), Willermoz declara:

“A iniciação dos Grandes Professos instrui o maçom experimentado, o Homem de Desejo, sobre a origem e a formação do universo físico, seu destino e a causa ocasional de sua criação em um dado momento e não em outro; acerca da emanação e da emancipação do homem em uma forma gloriosa, e de seu sublime destino no centro das coisas criadas; acerca de sua prevaricação, de sua queda, do favor e da necessidade absoluta da Encarnação do próprio Verbo para sua redenção, e assim por diante. Disto tudo resulta um profundo sentimento de amor e confiança, de temor e respeito, de um vívido reconhecimento da criatura por seu Criador, sentimentos estes que foram perfeitamente conhecidos pelos chefes da Igreja durante os quatro primeiros séculos do Cristianismo”.

(Notamos nesta passagem uma surpreendente coincidência entre o pensamento de Willermoz e o de Guénon, separados por um século de distância). O texto prossegue da seguinte forma:

“Porém, tais elementos vêm se perdendo e se desvanecendo sucessivamente desde então, até chegar atualmente a ponto de os ministros da religião considerarem como inovadores todos aqueles que sustêm a verdade, tanto em seu país como no nosso. Já que esta iniciação tem como objetivo restabelecer, conservar e propagar uma doutrina tão luminosa e útil, por que a classe que está especialmente consagrada não se ocupe com este quesito?”

A convenção de Wilhelmsbad, como se sabe, ratificou a obra de Willermoz – a “Reforma de Lyon” – com uma única exceção, porém importante: não fora admitida a existência de uma classe secreta de Grandes Professos. Os motivos que levaram a esta recusa não são muito claros, sendo que, paradoxalmente, a convenção contava com pelo menos oito deles dentre os presentes, incluindo o duque Ferdinand de Brunswick e o príncipe Charles de Hesse. Seria interessante elucidar estas questões.

Assim, oficialmente, o Regime Retificado jamais deverá incluir esta classe secreta. Inegavelmente, este fato foi para Willermoz um sério fracasso já que, sem o Grande Professo, o sistema por ele edificado ficaria gravemente mitigado, privado de seu pináculo, de seu coroamento, de sua pedra angular, quase mesmo da sua razão de ser. A contrariedade de Willermoz deve ter sido grande. Ademais, na prática, não levou em consideração esta lacuna nas decisões que ele desejava que a convenção tomasse.

Em primeiro lugar, porque atribuía ao Grande Professo uma importância demasiadamente grande, demasiadamente essencial para deter-se em função da incompreensão e falta de discernimento de um punhado de legisladores, ainda que fossem maçons. Ademais, pela simples e boa razão que o Grande Professo não teria de ser criada, uma vez que já existia. Continuaria operando do mesmo modo como fazia há vários anos, sob o manto da mais obscura discrição, o que deixaria Willermoz de alguma maneira, com certa liberdade para decidir as admissões.

DEPOIS DE WILHELMSBAD

Assim, ao término da convenção, ocorrido em 1 de Setembro de 1782, as concepções de Willermoz e de seu sistema saíram vitoriosas, mas apenas de forma aparente. Isto, como acabamos de ver, o

sistema que foi oficialmente ratificado e codificado permanecia incompleto e sem sua principal classe. Ademais, a Alemanha jamais o aceitou de forma efetiva, tendo oposta uma passiva resistência às decisões de Wilhelmsbad e à atitude de reprovação de Ferdinand de Brunswick, o qual finalmente havia se esgotado. Enfim, as circunstâncias se sobrepuseram: se os rituais dos três primeiros graus tiveram sua redação rapidamente concluída e oficialmente aprovada em 1787 pelo Magnus Superior, o mesmo não se sucedeu com a do quarto grau; a querela revolucionária obrigava a interromper a redação, conforme relata Willermoz a Charles de Hesse, em carta datada de 10 de Setembro de 1810. Tal redação somente pôde ser finalizada por Willermoz senão dez anos mais tarde, no ano de 1809.

Se após a Revolução houve distintas tentativas de reativação – em Marselha, Aix, Besansón, Montpellier (ao redor da loja “Centro dos Amigos”, que substituiu o Rito Francês pelo Rito Retificado), Estrasburgo –, estas resultaram tímidas e foram abortadas em pouco tempo.

Os tempos não eram propícios. A revolução acelerada da Maçonaria Francesa, objetivando a secularização e a politização, deixava poucas oportunidades a um sistema tão exclusivo como o retificado e à sua adesão a um Esoterismo Cristão. Mais do que viver, apenas sobreviveu até a morte de Willermoz em 1824, que durante seus vinte últimos anos havia desempenhado o papel de “patriarca e doutor místico”, segundo as palavras de Le Forestier. Alguns focos sobreviveram como puderam até o ano de 1850, particularmente em Besansón. Após 1857 tudo estava terminado, ao menos na França.

Não obstante, o Regime se manteve na Suíça. Lá foram buscá-lo alguns Irmãos do Grande Oriente, que decidiram despertar o “Centro dos Amigos” no Rito Retificado, em 1910. Ante a impossibilidade de levar a um final positivo este grande empreendimento, então sob uma obediência dedicada inteiramente ao ateísmo militante, decidiram declarar sua independência em 1913, marcando deste modo o renascimento da Maçonaria regular na França com a fundação da Grande Loja Nacional Independente e Regular para a França e colônias francesas, que se converteria posteriormente na Grande Loja Nacional Francesa. O Regime Retificado não somente renascerá das cinzas como uma Fênix – ainda frágil, indubitavelmente, e exposto a novas e duras peripécias antes de recobrar uma perfeita forma – mas também, fiel à sua vocação, levará à Maçonaria pela via reta ou, ao menos, a uma parte dela.

E NA ATUALIDADE?

O que Willermoz descrevia sob a denominação de “primeira” e “segunda classe” existe, porém segundo uma divisão diferente, imposta pelas circunstâncias históricas que acabamos de relatar.

Os quatro graus simbólicos foram dissociados. De acordo com a concepção inglesa, que somente reconhece três (não obstante, a Grande Loja dos Antigos era uma “Loja com quatro graus”, porém esta concepção não sobreviveu à União de 1813), a Grande Loja administra as lojas “azuis”, onde são conferidos os graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre. As lojas “verdes”, onde é conferido o grau de Mestre Escocês de Santo André (a referência a Santo André foi inclusa posteriormente em Wilhelmsbad) dependem do Grande Priorado da Gália, órgão superior do Regime na França, que também administra a Ordem Interior com seus Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa e seus Escudeiros Noviços.

O Grande Professo também desapareceu, aparentemente. Os Grandes Professos se perpetuaram na França e, sobretudo na Alemanha, porém sob formas extra-maçônicas, dissociando completamente sua existência da de seus colegas que mantiveram a sobrevivência de um sistema maçônico fadado a desaparecimento. Indiferentes à obra de Willermoz, ou quiçá simplesmente pelo fato de a Maçonaria não lhes interessar, continuaram, em contrapartida, dedicando uma admiração e apego apaixonado à

obra de Martinez de Pasqually. Logo após o primeiro terço do século XIX o silêncio é total: os documentos já não dão mais nenhuma informação. Uma vez visto todo este contexto, o que há de se pensar?

Obtivemos como herança um edifício truncado em sua cúspide, que não é como Willermoz havia concebido, desenhado e elevado como hábil arquiteto que era. Truncado em sua cúspide: por acaso não é exatamente assim como se apresenta a coluna que figura no quadro da Loja de aprendizes com a inscrição *Adhuc stat?*

CONCLUSÃO

O que devemos definitivamente pensar de Willermoz e sua obra? Sua obra sobrevive, a despeito de tudo. Duas vezes a vimos desfalecer, mas desaparecer, nunca; primeiro, durante a Revolução, depois, na metade do século passado; e, nas duas vezes, renasceu das cinzas tal como a Fênix, que é o emblema do Regime Retificado.

Nós, os maçons retificados, vivemos nesta obra. Ela nos transmite uma doutrina da iniciação maçônica intrinsecamente ligada à natureza e ao destino do homem: sua natureza de origem gloriosa, sua queda, e seu destino final não menos glorioso que sua origem. Esta doutrina está de pleno acordo com o Cristianismo, sendo-lhe afim. Ademais, o Cristianismo é uma necessidade metafísica para este tipo de iniciação maçônica, o que nos permite viver a plenitude do processo iniciático na plenitude da fé. Este é um bem precioso, o que por si somente nos faz dever uma profunda gratidão a Willermoz.

Também lhe somos gratos por ter erigido este nosso Regime com uma tenacidade digna de admiração, tão assombroso e sutilmente disposto; e, por outro lado, por ter elaborado e redigido rituais de grande potência, assim como instruções de inesgotável riqueza para quem souber estudar e meditar sobre os mesmos.

É correto o fato de a doutrina transmitida pelos rituais e instruções não ser de autoria de Willermoz, o que ele mesmo jamais pretendeu para si; porém, soube expressá-la admiravelmente por meio de uma ciência de exposição gradual e com um assombroso talento pedagógico. Este talento se manifesta plenamente em “As Instruções aos Grandes Professos”, das quais citarei somente as do início, a título de exemplo: “Se o homem tivesse se conservado na pureza de sua origem primordial, a iniciação jamais ter-lhe-ia sido necessária, e a verdade apresentar-se-ia a seus olhos sem véus, posto que nasceu para contemplá-la e render-lhe contínuas homenagens. Mas, depois de desafortunadamente ter descido a uma região oposta à da luz, é a verdade mesma que lhe submeteu ao trabalho da iniciação, ocultando-se de suas buscas” (...).

“Esta primeira iniciação, fundada sobre a degradação do homem e exigida pela própria natureza, foi o modelo e a regra daquela que os antigos Sábios estabeleceram. A Ciência da qual eram depositários era de uma ordem muito superior à dos conhecimentos naturais, e não puderam desvelá-la ao homem profano senão somente após tê-lo fortalecido na senda da inteligência e da virtude. Com este propósito submeteram seus discípulos a rigorosas provas, e se asseguraram de sua constância e amor pela verdade oferecendo à sua inteligência hieróglifos ou emblemas difíceis de entender. Eis aqui o que temos desejado instaurar, meu querido Irmão, nos graus da Maçonaria através dos trabalhos alegóricos que temos exigido”.

“Assim, o homem, que poderia conhecê-la em sua totalidade sem nenhum véu a separar-lhe da verdade, encontra-se submetido por seu corpo a perceber somente aparências sensíveis e ilusórias. Tem infinitas faculdades, mas vê-se privado dos meios para fazer uso delas ao estar distanciado de todos os verdadeiros seres do universo sobre os quais deveria manifestá-las. Dotado de um desejo

irresistível de domínio e de uma sede de prazer, vê somente resistências e limites a seu redor, de modo que, neste estado, todos os objetos que pode perceber são finitos e limitados, não encontrando nenhum adequado a um ser que poderia sozinho contemplar o infinito”.

“Agora, se os indivíduos da Natureza nada mais recebessem do Criador do que faculdades relativas e proporcionais a seus respectivos níveis no universo, seria difícil àqueles que contemplam o homem não reconhecer – conforme as tradições religiosas – que o homem não está em seu lugar natural na atualidade, e que as faculdades espirituais divinas que nele se manifestam deveriam ser exercidas sobre seres superiores às coisas materiais e sensíveis, sem o que seria o mais inconcebível dos seres”.

“Eis, portanto, meu querido Irmão, o que deveríamos dizer a respeito dos direitos primitivos do homem e de sua posterior degradação que o faz indigno, na atualidade, de acercar-se do santuário da verdade”.

“Esta doutrina, tendo sido desde sempre a base das iniciações, foi ensinada aos discípulos com um especial cuidado pelos Sábios que nela foram perfeitamente instruídos, como podemos constatar pela grande quantidade de purificações e lapidações morais de todos os gêneros que eram exigidas dos iniciados; e, somente depois de tê-los preparado deste modo é que lhes desvelavam o único caminho que pode conduzir o homem a seu estado primitivo, e assim restabelecê-lo aos direitos que perdeu. Eis aqui, meu querido Irmão, o verdadeiro e único objetivo das iniciações”.

Desde tempos atrás, a maneira utilizada para falar de Willermoz – e isso quando se fala a respeito dele – tem sido através de um tom condescendente e protetor, e, inclusive, sarcástico e denegridor. “Quem? Este comerciante, este tendeiro, que se emaranha com o esoterismo e a metafísica (tendo sido, por outro lado, batizado de ocultista ou místico – sem contar as outras expressões mal-intencionadas), não entende nada! Não pode compreender coisa alguma! Não trata mais do que de “elucubrações”, “fantasmas”, “quimeras”, etc...”. Podemos encontrar este tipo de apreciações pouco agradáveis nos escritos de Paul Vulliard (*Les Rose-Croix Lyonnais et les secrets de la Franc-maçonnerie*), Rene Le Forestier (*La Franc-Maçonnerie templière et occultiste*), ao mesmo tempo em que Pierre Chevallier (*Histoire de la Franc-maçonnerie française*) o descreve como “um místico por empreitada”.

Outros autores, se maçons, não são “retificados”, não se mostrando aptos a apreender, desde seu interior, por assim dizer, a altura e a extensão tanto de suas concepções quanto de suas realizações. Este é o caso, por exemplo, de Paul Naudon, um efêmero Grão-Prior da Gália que se manteve sempre avesso ao “espírito” do Regime Escocês Retificado. Em seu estimável livreto da coleção “Que sais-je?” (Que sei eu?) dedicado a Franco-Maçonaria, (8ª edição em 1982, PUF), podemos ler o seguinte: “Willermoz..., homem de bom entendimento mais que de espírito brilhante, foi discípulo de Martinez de Pasqually e de Louis Claude de Saint-Martin. Menos dotado que eles para a iluminação interior e a meditação, mais capaz de julgar os feitos que as idéias tinha o desejo apaixonado de alcançar os arcanos supremos dissimulados sob o simbolismo maçônico, etc...” (pág. 100).

Alice Joly, que no final de sua obra já citada (cujo título nos parece um pouco simplório, com o perdão da palavra), oferece uma detalhada e mais simpática biografia de Willermoz, sente uma certa timidez ao ter-lhe dedicado tantas páginas, e comenta suas impressões do seguinte modo: “A contar pelo número de livros escritos acerca destas questões, me pergunto se este interesse não seria desproporcional, quase tanto quanto o longo trabalho que acabo de escrever sobre este curioso homem. Não foi nem um filósofo original, nem um místico bem dotado; nem visionário, nem mago; suas experiências foram mais válidas por sua variedade e quantidade do que por sua qualidade.

Lamentaria ter-lhe acompanhado de forma tão complacente ao longo de sua obstinada busca do segredo da Franco-Maçonaria, se não o tivesse feito com tanta curiosidade e afeto”.

Portanto, começaram a desconsiderar tais preconceitos e então mudar de opinião. Por este motivo terei o prazer de citar o professor Antoine Faivre, eminente especialista universitário em matéria de hermetismo e esoterismo, ao mesmo tempo em que é um dos melhores conhecedores do Regime Escocês Retificado e de seu interior: “Podemos dizer que ele (Willermoz) alcançou um alto grau de espiritualidade e uma incomum amplitude de visão. Mostra-se dotado tanto para a meditação quanto para a iluminação interior” – não é por acaso que aqui retomamos os termos de Naudon – “como para a organização e administração. A Revolução foi quase fatal para sua obra; porém, ainda assim, é freqüentemente considerado como um dos maiores personagens da história maçônica, etc...” (L'Esotérisme au XVIIIème siècle, pág. 176).

Para o autor destas linhas não há dúvidas que Willermoz é um patriarca da Maçonaria, não por causa de sua excepcional longevidade, mas fundamentalmente porque desempenhou para a Maçonaria o mesmo papel que os patriarcas bíblicos desempenharam para o público eleito.

Falar a respeito de Jean Baptiste Willermoz significa falar de um maçom de uma excepcional envergadura, dos quais não se encontram muitos em um século. É, indubitavelmente, uma das mais eminentes e consideráveis personalidades da história da Maçonaria (sobretudo da Maçonaria francesa, ainda que não unicamente dela), tendo exercido uma influência determinante em sua evolução. Verdadeiro pai e fundador do Regime Escocês Retificado foi o arquiteto-chefe de um edifício que ainda subsiste firmemente, apesar das surpreendentes vicissitudes. Iremos mais longe ainda: ao descobrir o texto de sua grande intervenção realizada durante a sessão do dia 29 de Julho de 1782 na convenção de Wilhelmsbad, ficamos realmente surpreendidos ante sua força metafísica verdadeiramente fora do comum – a qual encontramos em outras numerosas exposições que desafortunadamente ficaram inéditas ou confidenciais. Dentre os escritores maçônicos do século XVIII que conhecemos, podemos dizer sem hesitar que ele é o único escritor metafísico, o único que desenvolve uma percepção metafísica, ou seja, puramente espiritual e esotérica, e não somente moral ou social da Maçonaria. Uma concepção que contempla o homem como um todo: seu passado, seu presente e seu futuro, porque é relativa à essência do homem, sendo, portanto, uma concepção ontológica. Uma concepção que abrange a totalidade dos tempos do princípio ao fim, e que se antecipa a Guénon – nada menos! –, comportando a idéia de uma Revelação primitiva oriunda de uma Iniciação Primordial, da qual a iniciação maçônica nada mais é do que uma modalidade: idéia esta exposta por Joseph de Maître sob a noção de “Cristianismo transcendente”, assim expressa em suas Memórias ao Duque de Brunswick:

“A verdadeira religião tem mais de dezoito séculos: nasceu no dia em que nasceram os dias. Remontemos-nos à origem das coisas, e demonstremos por uma filiação incontestável que nosso sistema nos leva ao depósito primitivo dos novos dons do Grande Reparador”.

(Memoire au duc de Brunswick, pág. 97; recordemos que o “Grande Reparador” corresponde à denominação martinezista de Cristo).

Finalmente, e para finalizar a discussão acerca da herança de Willermoz, lembremos que nos legou dois soberbos pássaros. Dois pássaros? Sim, efetivamente: o Pelicano e a Fênix, símbolos do grau Rosa+Cruz (se for correto que ele foi seu autor), e do Regime Escocês Retificado, respectivamente. Sabemos que ambos simbolizam tradicionalmente o Cristo, sendo o primeiro o ícone de seu amor derramado através do sacrifício de si mesmo, e o segundo o representante de sua ressurreição e imortalidade...

BIBLIOGRAFIA

1) Sobre o iluminismo e o esoterismo no Século XVIII:

Atas do colóquio internacional Lumières et Illuminisme, Cortone, 3-6 de Outubro de 1983 (Pacini, Pisa, 1984).

Obras de Antoine Faivre:

L'Esotérisme au XVIIIème siècle en France et en Allemagne (Seghers, 1973).
Vários capítulos em: Accès de l'esotérisme occidental (NRF), 1986.

Especificamente sobre o mesmo tema:

Kirchberger et l'illuminisme du XVIIIème siècle (Nijhoff, La Haya, 1960).
Eckarsthausen et la théosophie chrétienne (Klincksieck, 1969).
Auguste Viatte, Les Sources occultes du Romantisme: illuminisme et théosophie, 1770-1820 (Champion, reedição 1979).

2) Sobre a Franco-Maçonaria no Século XVIII:

La Franc-Maçonnerie, nº 19 da revista Século dezoito (Especialmente o artigo de Ludwig Hammermayer, La crise de la Franc-Maçonnerie européenne et el convent de Wilhelmsbad).

Pierre Chevallier, Histoire de la Franc-Maçonnerie française Tomo 1 1725-1799 Fayard 1980

Gustave Bord, La Franc-Maçonnerie en France des origines à 1815, Tomo 1 único tomo editado: Les ouvriers de l'idée révolutionnaire (1688-1771), (1908, reedição Slatkine, 1985). (Historiador hostil à Franco-Maçonaria, consultar com precaução já que frequentemente não indica suas fontes. Tais documentos são, entretanto, interessantes).

Documentos:

La Franc-Maçonnerie française, textes et pratiques, apresentação de Gerard Gayot (coleção Archives Gallimard-Julliard, 1990).

Daniel Ligou, La Franc-Maçonnerie (Documents Histoire, PUF, 1977).

Consultar também:

Albert Ladret, Le Grand siècle de la Franc-Maçonnerie: la Franc-Maçonnerie lyonnaise au XVIIIème siècle (Dervy-Livres, 1976). (É um estudo de história local fundamentado sobre documentos de arquivo, sendo, porém, pobremente comentado).

3) Sobre a Franco-Maçonaria esotérica:

René Le Forestier, La Franc-Maçonnerie templière et occultiste au XVIIIème et XIXème siècles, publicado com adições e um apêndice por A. Faivre (Aubier - Montaigne, 1970, reeditado por Table d'émeraude, 1987).

Antoine Faivre, L'Esotérisme au XVIIIème siècle (op. cit.).

Estas duas obras cobrem o conjunto da questão e compreendem os temas mais específicos. Hemos de as citar em cada ocasião.

Documentos:

Steel-Maret, Archives secrètes de la Franc-Maçonnerie (1893-1896, reedição Slatkine, 1985).

4) Sobre Willermoz e seu grupo:

Paul Vulliaud, Les Rose-Croix Lyonnais au XVIIIème siècle (Nourry, 1929, reedição Arché, Milan, 1987).

Alice Joly, Un mystique lyonnais et les secrets de la Franc-Maçonnerie, 1730-1824 (Protat, 1938, reedição Demeter, 1986).

Gérard van Rijnberg, Episodes de la vie ésotérique, 1780-1824. Extraits de la correspondance inédite de J. B. Willermoz, du Prince Charles de Hesse-Cassel et de quelques-uns de leurs contemporains (Derain, 1948, reedição "Les introuvables" Ed. d'Aujourd'hui).

Jules Keller, Le Théosophe alsacien Frédéric-Rodolphe Saltzmann et les milieux spirituels de son temps. Contribution à l'étude de l'illuminisme et du mysticisme à la fin du XVIIIème siècle et au début du XIXème siècle (Peter Lang, Berne, 1985).

Joseph de Maître, Oeuvres II, Ecrits maçonniques de Joseph de Maître et de quelques-uns de ses amis francs-maçons (Slatkine, 1983). (Podemos ali encontrar a Mémoire au duc de Brunswick, assim como 2 cartas de Willermoz sobre a doutrina de Martinez de Pasqually).

5) Sobre Martinez de Pasqually e a Ordem dos Eleitos Cohen do Universo:

Traité de la Réintégration des êtres créés dans leurs primitives propriétés, vertus et puissances spirituelles divines, versão original editada pela primeira vez e confrontada com a versão publicada em 1899, acompanhada do quadro universal e precedida de uma introdução e de documentos inéditos por Robert Amadou (Robert Dumas, 1974).

Antoine Faivre, Les conférences des Elus Coens de Lyon (1774-1776) aux sources du Rite Ecossais Rectifié, com 4 estudos (Ed. du Baucens, 1975).

René Le Forestier, La Franc-Maçonnerie occultiste au XVIIIème siècle et l'Ordre des Elus Coens. Possui quatro esquemas reconstituídos do quadro do mundo primitivo e de traçados das invocações (Dorbon, 1928, reedição La Table d'Emeraude, 1987).

Gérard Van Rijnberg, Un thaumaturge au XVIIIème siècle, Martinez de Pasqually. Sa vie, son oeuvre, son Ordre. Tomo I, Alcan, 1935; Tomo II, Derain, 1938 - reedição "Les Introuvables" Ed. d'Aujourd'hui, 1980).

Franz Van Baader Les Enseignements secrets de Martinez de Pasqually, précédés d'une Notice sur le martinézisme et le martinisme (Chacornac, 1900, reedição Télétés, 1989).

Consultar também:

Papus, Martinez de Pasqually, sa vie, ses pratiques magiques, son oeuvre, ses disciples, seguido de Catéchismes des Elus Coens, ampliação de Martinézisme, Willermozisme, Martinisme et Franc-Maçonnerie (Chamuel, 1895 y 1899, reedición Demeter, 1986).

René Guénon, Etudes sur la Franc-Maçonnerie et le Compagnonnage, reedição Editions Traditionnelles):

Tomo I: Un nouveau livre sur l'Ordre des Elus Coens (sobre a obra de Le Forestier, op. cit.).

A propos des "Rose-Croix Lyonnais" (La obra de P. Vulliaud, op. cit.).

L'énigme de Martinez de Pasqually (sobre a obra de G. Van Rijnberg, op. cit. Muito importante).

Tomo II: Quelques documents inédits sur l'Ordre des Elus Coens. (Trata-se das conferências de Lyon editadas posteriormente por A. Faivre).

Robert Amadou, Martinisme (Documentos martinistas nº 2). Capítulo 1º: Martinez de Pasqually et l'Ordre des Elus Coens; (Documentação erudita atualizada).

6) Sobre a Estrita Observância Templária:

Essencialmente a obra já citada de Le Forestier, La Franc-Maçonnerie Templière, etc...

Jean-François Var, La Stricte Observance (Trabalhos da loja nacional de estudos Villard de Honnecourt, Nº 23, 2ª série, 1991).

Consultar também R. Amadou, op. cit. capítulo II: Le Rite Eccossais Rectifié.

A destacar também em René Guénon, Etudes, etc. (op. cit. supra)

Tomo II: La Stricte Observance et les Supérieurs inconnus. A propos des Supérieurs inconnus et de l'astral.

7) Sobre a Convenção da Gália:

Actes du Convent national des Gaules tenu à Lyon (1778) editadas com uma introdução de Edmond Mazet nos Trabalhos da Loja nacional de estudos Villard de Honnecourt nº 11, 2ª serie (1985).

8) Sobre o Convento de Wilhelmsbad:

As Atas do Convento Geral ocorrido em Wilhelmsbad (protocolos e documentos anexos) foram editadas em 1782. Não voltaram a ser publicadas posteriormente. Temos divulgado alguns extratos significativos das mesmas, sendo que outros estão em vias de ser publicados nos Cadernos Verdes, boletim interior do Grande Priorado da Gália.

Números 7 e 8: Préavis du Fr. ab Eremo (Willermoz), Grand Chancelier de la IIème Province (...) sur la question concernant la légitimité de la filiation de l'Ordre du Temple avec notre système actuel, et quel sera le système futur de l'Ordre.

Nº 9: Préavis du Sérénissime et Révérentissime Fr. a Leone Resurgente (Charles de Hesse).

Discours qu'a tenu le Grand Supérieur de l'Ordre et Grand Maître de toutes les Loges et Loges Ecosaises unies (= Ferdinand de Brunswick le 31 juillet 1782).

Mémoire sur les idées que l'Ordre doit attacher au terme bienfaisance et projet de chapitre pour le nouveau Code maçonnique por Henri de Vireu. Consultar igualmente o nº 8: 4 cartas de Willermoz (das quais três são destinadas a Charles de Hesse).

9) Sobre o Grande Professo:

Robert Amadou, op. cit., capítulo III in fine.

Consultar também Jacques Fabry, Johann Friedrich Von Meyer (1772-1849) et la Franc-Maçonnerie mystique nos Trabalhos da loja nacional de estudos Villard de Honnecourt Nº 8 al 11 (von Meyer explica e ilustra a sobrevivência na Alemanha do Grande Professo desconectada da Franco-Maçonaria).

10) Sobre o Regime Escocês Retificado:

Jean-François Var, L'Essor du Phénix, Jean Baptiste Willermoz et la naissance du Régime Rectifié (Trabalhos da loja nacional de estudos Villard de Honnecourt Nº 19, 2º série, 1989).

Mandil Rosacruz feito em pele e bordado à mão.

Fabricação Guerin, final do século XVIII. (Grande Oriente da França)

Alba - Feita de encaixe de varetas (Século XVIII)

SOBRE O RITO ESCOCÊS RETIFICADO (R. E. R.)

E O GRANDE PROFESSO

POR MAHARBA

***REPRODUÇÃO DA EDIÇÃO DA REVISTA O SIMBOLISMO
ONDE FOI PUBLICADO ESTE ARTIGO.***

O Rito Escocês Retificado (R. E. R.) está na ordem do dia, para o melhor e para o pior.

É a aspiração da sociedade, tanto maçônica quanto profana, que realça o valor iniciático do R.E.R. na atualidade.

Ninguém o discute, ainda que moleste a alguns: este valor é grande e justifica que tenha um papel importante.

Porém, a natureza e a vocação do R.E.R. divide os exegetas no tocante a sua qualificação, e seus adeptos a sentem sob experiências muito diversas.

Eis aqui a necessidade de fixar o sentido atual do R.E.R. tradicional, para dar resposta às expectativas e juramentos.

Deve ser estabelecido o inventário do depósito transmitido aos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa. Com esta finalidade são oferecidos textos, estatutos, regulamentos, rituais, catecismos, instruções, correspondências, os quais são numerosos, seguros e admiráveis.

Porém, um fiel servidor não desperdiça seu talento. O mesmo desejo que levantou os monumentos literários do R.E.R. deve seguir lhe animando. Um fiel servidor exige que o depósito seja explorado sem cessar; precisa seu adequado uso.

Ademais, a Franco-Maçonaria, da qual o R.E.R. se orgulha ser de uma de suas preciosidades, subordina o falar ao fazer; do mesmo modo, o escrito ao oral, e o profano – quer trate-se de leitores ou ouvintes – ao sagrado. Isto não impede que certas exposições públicas favoreçam, às vezes, torpes resultados, e, em outros casos, evitem um sacrilégio, abortando assim o movimento.

Quando sentir-se autorizado a isto ou, então, autorizá-lo? E o que revelar destas verdades que socorrem os Homens de Desejo? Eis aqui as questões que os tempos levantam, cuja precisão se impõe nestes mesmos tempos. Se Deus o quiser, esta não tardará.

Eis aqui demarcada uma questão em particular: o Grande Professo do R.E.R.

Estudos impressos e rumores têm alentado a curiosidade e causado uma grande controvérsia. As lendas encontraram pretexto para nascer ou renascer.

Porém, os fatos são latentes; eles compõem a história e manifestam a doutrina dos Grandes Professos. Recordemo-los.

1) O Grande Professo, ao mesmo tempo em que os Professos dos Colégios metropolitanos, foi instituída no ato da criação da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa, ocorrido na Convenção nacional da Gália no ano de 1778, em Lyon.

Deixou de existir oficialmente na convenção de Wilhelmsbad. De fato, bastou meio século para ser abolida, salvo algumas exceções individuais.

Assim, no dia 29 de Maio de 1830, Joseph-Antoine Pont, Eques a Ponte Alto, que era, segundo suas próprias palavras, o “Visitador geral depositário de confiança do falecido ab Eremo, o qual, por sua vez, era depositário geral e arquivista da IIª província, convertido após sua morte no único depositário legal do Colégio metropolitano estabelecido em Lyon”, constatando “a inatividade e suspensão indefinida dos trabalhos do mencionado Colégio metropolitano”, e considerando que era “o único grande dignitário da Ordem que subsiste deste mesmo Colégio, e que é tão importante quanto urgente prover a reconstrução deste”, outorga uma carta para a constituição do Colégio e Capítulo provincial dos Grandes Professos em Genebra. Para tanto, fundamentou-se nos artigos 22, 23, 24 e 25 dos Estatutos e regulamentos da Ordem dos Grandes Professos, que prevêm casos desta natureza e evitam seu perigo de extinção.

A Suíça, além de continuar sendo o refúgio do R.E.R. e a Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa até nossos dias, converter-se-ia também na conservadora do Grande Professo.

2) O Grande Professo não pode ser confundida nem com um grau maçônico nem com um escalão cavalleiresco¹⁴, e, sobretudo, menos ainda com estes graus e classes que sobrepuja.

¹⁴ Assim, por exemplo, a linhagem sucessória dos G. P. do R.E.R. não é nem idêntica, e nem está aparentada com a filiação iniciática de nenhum outro grau ou classe da Ordem dos Cavaleiros Maçons Eleitos Cohen do Universo, fundada por Martinez de Pasqually. A história, o direito e o costume protestam contra toda esta confusão entre estas duas descendências, das quais a segunda não parece ter sido perpetuada até nossos dias.

Tem a si designado como objetivo: velar pela integridade e favorecer a cultura do depósito inerente à Santa Ordem primitiva, que existe desde sempre e que a Ordem dos C.B.C.S., nascida de uma dupla tradição maçônica e cavaleiresca, encarna no presente. Já os quatro graus simbólicos do R.E.R. (aprendiz, companheiro, mestre, e mestre de Santo André), e as duas classes da Ordem Interior (Escudeiro Noviço e C.B.C.S.), buscam formar e empregar depositários de confiança, cada qual segundo o nível e abertura dos quais goza. O Grande Professo é um depositário geral de toda a confiança.

3) O Grande Professo do R.E.R., classe suprema da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa, é o ato através da qual os cavaleiros e os irmãos das classes inferiores da mesma Ordem, que tenham sido considerados dignos, são iniciados no conhecimento dos mistérios da antiga e primitiva Maçonaria após passarem pelas provas requeridas. Assim, são reconhecidos como aptos a receber as explicações finais dos emblemas, símbolos e alegorias maçônicas.

Portanto, não adentra nesta classe por nenhum tipo de iniciação cerimonial, nem por nenhum novo ornamento. A simplicidade objetivada pelo sistema inteiro da Ordem dos C.B.C.S. nela culmina na mais pura espiritualidade.

O Grande Professo encaixa-se com o arcano da Franco-Maçonaria e dela participa, ainda que não seja de essência maçônica. Seus segredos são inexprimíveis, e é assim que ela forma, por si mesma, uma classe secreta.

4) Os Grandes Professos, segundo suas leis, não dissimulam, em absoluto, exibindo sua qualidade. Porém, uma classe que é, afora isso, também uma Ordem, cuja espiritualidade – melhor ainda, seu espírito – constitui seu fundamento, poderia ser vulgarizada sem decair e perder sua honra e, com isso, seu mundo e razão de ser?

Estatutariamente, os Grandes Professos rechaçam as candidaturas e se cooptam por uma unanimidade obrigatória. De “Superiores Desconhecidos”, no sentido quase mitológico do título, lhes falta o incógnito, posto que todos são conhecidos C.B.C.S.

5) Apesar do apelativo de “Superiores Desconhecidos” falta-lhes também o tipo de superioridade que este título implica. Seus estatutos e regulamentos excluem sua possível intervenção na máquina administrativa da Ordem piramidal da qual, por outro lado é pedra culminante, imperceptível para muitos.

6) Por direito e dever e, de forma eminente, incumbem aos Grandes Professos as tarefas que o cuidado da Ordem requer com moderação de todos os Maçons Escoceses Retificados e de todos os C.B.C.S., Vigilantes e Guardiões, também especulam e motivam, favorecendo a investigação e as reflexões sobre o todo o legado, alentando assim a seus partidários.

Em seus aspectos contingentes, que grande variedade há nesta ação dos Grandes Professos!

O Grande Arquiteto do Universo nunca permitiu que esta se interrompesse. E não existe nenhum caso no qual esta ação tenha sido exercida (como teria sido possível? Como o poderia sem renegar a si mesma?) de outra maneira senão em espírito e em verdade, para o melhor do R.E.R. e da Ordem dos C.B.C.S., e de toda a Franco-Maçonaria; para ajudar aos homens que rogam, em todas as partes, freqüentemente sem dar-se conta, para que o sol da justiça brilhe, fonte única de luz e de calor, onde o Senhor estabeleceu sua tenda e da qual seu Espírito insufla.

FIM